

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

134  
B

307 01515 007438  
Brasília-D.F.

MEMORANDO Nº 684 /DRP/DGPI- 79

Em 13/12/79.

Do Grupo de Trabalho da Port. 627/E de 15/10/79.

Ao Sr. Chefe da DRP/DGPI

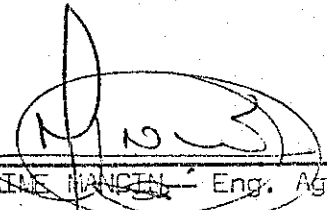
Assunto "Encaminhamento de Relatório Final".

CEDI - P. I. B.
DATA 23 06 86
COD. 01 003

Senhor Chefe,

Estamos encaminhando a V. Sa., para os devidos fins, o relatório final das atividades do Grupo de Trabalho, designado pela Portaria nº 627/E de 15/10/79, referente aos estudos das Áreas Indígenas KOA TINEMO, IPIXUNA e BACAJÁ, habitadas pelos índios ASSURINI, ARAWETÉ e XIKRIN respectivamente.

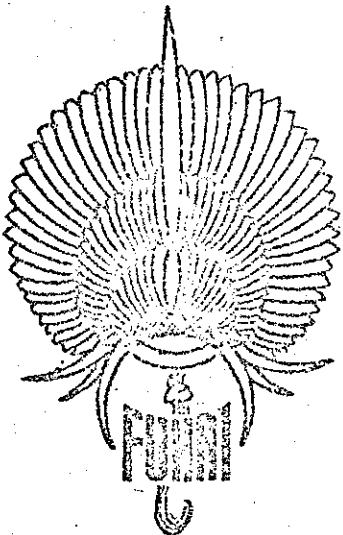
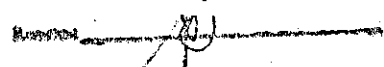
Atenciosamente,

  
\_\_\_\_\_  
JOSE JAIME MANCINI - Eng. Agrºr.  
PRESIDENTE DO G. T.



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
FUNAI

135  
20



Eleição dos Áreas Indígenas  
KOATINEMO - IPIXUNA - BACAJÁ  
Grupos Indígenas  
ASSURINI - ARAWETÉ - XIKRIN

Grupo de Trabalho criado pela Portaria 627/E de 15/10/79

JOSÉ JAIME MANCIN - Engenheiro Agrimensor/DGPI/DRP/BSB

REGINA AP MULLER - Antropóloga/Coord. Proj. Assurini

SALOMÃO SANTOS - Chefe da Ajudância de Altamira

JOSÉ BATISTA DA SILVA - Aux. Téc. Ind. PI Bacajá

RAIMUNDO ALVES - Sertanista "H" - F. A Araweté



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO  
FUNAI

*[Handwritten signature]*

PORTARIA N.º 627/E, de 15 de outubro de 1979

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, no uso de suas atribuições que lhe confere os Estatutos, e de acordo com os Processos FUNAI/BSB/3832/78, 707/79, 4229/79 e 4728/79.

RESOLVE:

I. Constituir o Grupo de Trabalho com o fim de promover a definição dos limites da área Indígena Bacajá, estudo para a Interdição das áreas ocupadas pelos índios Assurini e Araweté, bem como a área entre as Reservas Bacajá e Assurini de índios arredios.

II. Designar para compor o referido grupo, sob a presidência do primeiro, os servidores: JOSÉ JAIME MANCIN, Engenheiro Agrimensor "A" - DGPI; REGINA APARECIDA POLO MULLER, Antropóloga - Coordenadora do Projeto Assurini; RAIMUNDO ALVES, sertanista "H" - Encarregado da Frente de Atração Araweté; SALOMÃO SANTOS, Chefe da Ajudância de Altamira; JOSÉ BATISTA DA SILVA, Aux. Téc. de Indiginismo "C" - Chefe do P.I. Rio Bacajá e JOSÉ RICARDO SIMÕES LUZ, Aux. Téc. de Indiginismo "B" - Chefe do P.I. Koatinemo.

III. Estipular o prazo de 15(quinze) dias a partir de 01.11.79, para execução do presente trabalho.

*[Handwritten signature]*

137  
*[Handwritten signature]*

MINISTERIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI  
Gabinete do Presidente

IV. As despesas correrão à conta 2.3.Q.3. - Programas Especiais - 40.183.3091 - PROTERRA - 4.1.3.0 I.R.R.E.

*Adhemar Ribeiro da Silva*  
ADHEMAR RIBEIRO DA SILVA

- Presidente -

DGPI/JJM/slch

I - RESERVA INDÍGENA ASSURINI  
P.I. KOATINEMO

1. Histórico da ocupação da área.

O habitat tradicional dos Assurini compreende a região entre o Rio Xingu e seus afluentes da margem direita, até as cabeceira dos afluentes da margem esquerda do rio Bacajá.

Os habitantes da Altamira e a população regional distribuída à beira do Rio Xingu sempre chamaram a margem direita do Rio, "Terra dos Assurini". De acordo com as informações dos regionais, a "Terra dos Assurini" compreende a área entre o Xingu e o Rio Bacajá, estendendo-se até a nascente do Rio Ipixuna, próximo à cabeceira do Rio Bacajá.

No século XIX, os grupos Tupi que habitavam entre o Rio Xingu e o Rio Tocantins eram chamados Assurini pelos regionais. De acordo com Nimuendajú\*, a palavra Assurini vem da palavra Yuruna Asóneri que significa "vermelho". Os Yuruna, antigos vizinhos dos Assurini bem como outros grupos indígenas que existiam na região nesta época chamam-nos "gente vermelha", "índios vermelhos" devido ao uso abundante do urucu no corpo e cabelo. O grupo que tratamos se autodenomina Awaeté\*\* que significa "gente de verdade". Lukesch ao contatá-lo, em 1971, chamou-o Assurini do Xingu, permanecendo esta sua denominação, aceita pela FUNAI (cf. Lukesch, A. - BEARDED INDIANS OF THE TROPICAL FOREST, Akademische Druck- u. Verlagsanstalt, Graz 1976 e Cotrin, A. - Relatório de 20 de outubro de 1971 ao Chefe da Base "Kararaô", Altamira).

---

\* Nimuendajú, C. - Tribes of the Lower and Middle Xingu River in HANDBOOK OF SOUTH AMERICAN INDIANS (Jilian H. Steward, ed.) vol. 3, pp. / 213-244, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Smithsonian Institution, Washington, 1948.

\*\* A grafia das palavras Assurini se baseia no trabalho de Velda Nicholson, Pesquisa da língua Assurini, realizada entre 16 e 22 de dezembro de 1977, Instituto Linguístico de Verão.

No fim do século passado há notícias de ataques de índios Assurini na margem direita do rio Xingu, entre Altamira e a foz do rio Bacajã. (cf. Nimuedajú, op.cit. e Coudreau, H. VOYAGE AU XINGU, 30 mai 1896-26 octobre 1896, Paris).

De acordo com relatos dos próprios Assurini, esta área foi realmente ocupada pelo grupo, fato confirmado pelo conhecimento que têm dos afluentes do rio Xingu nesta região. Estes são denominados- Mbaerupai (rio Bacajã, Itawondi (rio Itata) e Y<sup>h</sup>ahyka (ver mapa).

Na região do Bacajã os Assurini foram vítimas de atos de represália por parte de brancos. Segundo informação de uma índia (Patuap) com aproximadamente 40 anos de idade, cujos avós lhes transmitiram o ocorrido, os brancos puseram fogo em suas casas. Por tres vezes os brancos destruíram seus aldeamentos, talvez um dos motivos que os impeliram a se deslocar em direção às cabeceiras dos Ipiaçava e Piranhaquara, denominados respectivamente Mbaurei e Ipium y<sup>h</sup>.

Através de viagem que realizamos por estes rios e de entrevistas com os indivíduos mais velhos do grupo levantamos as diversas aldeias que os Assurini formaram nesta região. Realizamos uma viagem pelo Igarapé Piranhaquara, em direção à suas cabeceiras e outra, pelo Rio Ipiaçava ao local onde o grupo foi contactado, prosseguindo daí por terra até o aldeamento existente na época. Estas viagens não só proporcionaram o reconhecimento da área como também foram situações que nos permitiriam obter dados históricos e etnográficos que atestam a antiguidade da ocupação da área pelos Assurini.

Na região do Rio Ipiaçava, os Assurini estabeleceram diversas aldeias às margens de seu afluente pela margem esquerda, o Igarapé Kapuipuruk. Na margem direita, formaram duas aldeias denominadas Ywyraka e Taiwiaka. Esta última se localiza entre o igarapé Bykorapy'ikawa e Ywrapeahawui (ver mapa). Trata-se da aldeia existente na época do contato. Segundo os índios, a aldeia Ywyraka foi formada numa época muito mais remota.

Outros afluentes do rio Ipiaçava são os seguintes:- Pundanhynha, Tukumari, Uruiwi, Dzetsiwamanhynha, Waropyatywa, Wamiripuku, Turenhynha, Ehiraiawa e Kumandáwo'o, pela esquer

da; Dzytsingi, Utuwi'i, Dzawotsiwa'wa, Mytui, pela margem direita. Os formadores do Rio Ipiaçava são denominados Tazahopari e Ipiratsitsinga.

Na região do Igarapé Piranhaquara, os nomes das aldeias e sua localização são os seguintes: Ipearu, próximo ao "Igarapei"\* Ipeki; Petyma'awaka, próximo ao "igarapei" Ipukui; Ewuipewi, próximo ao "igarapei" Tapy<sup>h</sup>piri; Dzapi'iwa, próximo ao "igarapei" Y<sup>h</sup>kanhyn; Maririywo'o, próximo ao "igarapei" Tupawi; Muyrina, próximo ao "igarapei" Tuim dzipawa; Y<sup>h</sup>tsipitsingo'o, próximo ao "igarapei" Arapoiawa.

Todos os "igarapei" referidos são afluentes do Piranhaquara. Os nomes dos demais afluentes são: Ukanduparatêi, Dzo tai, Dzeo'ym, Uruwatu'um, Dzaopina, Pira'apawa, Kumawapuai.

Devido a época em que a viagem pelo Piranhaquara foi realizada (agosto/setembro) esta foi dificultada pelo nível da água, já bastante baixo. Assim, não foi possível chegarmos às aldeias antigas. O local até onde conhecemos (Itazoara, "Pedra que coça") é o ponto mais abaixo no Piranhaquara que os Assurini estiveram anteriormente ao contato. Como tínhamos que caminhar diariamente pelo leito do rio, levando o barco com as mãos, não pudemos calcular pelo tempo gasto em barco a motor a distância entre a foz e Itazoara. Um dos índios que nos acompanhava, entretanto, nos indicava durante a viagem a posição em que nos encontrávamos em relação a dois pontos no rio Ipiaçava, o Posto e atual aldeia e a "Cachoeira" (Itapemo'o), local onde foram contatados. Os dois rios correm paralelos em boa parte de seu curso. Desse modo Itazoara se localiza acima do ponto correspondente à cachoeira.

Do grupo de índios que participou da expedição, apenas um deles (Zurui) se mostrou conhecedor do trecho entre Itazoara e a foz, no rio Xingu. Ainda assim, ao indicar seus afluentes neste trecho, demonstrou certa insegurança, dizendo que outros Assurini (Morera) sabia melhor. Segundo informação dos índios, antes do contato, Morera excursionava nesta região assaltando acampamentos de brancos. Esta informação confere com os dados de Cotrin sobre o contato dos Assurini com "gateiros". Segundo o ser-

---

\* pequenos cursos d'água.

141 ?  
10

~~110~~ -04-

tanista (cf.op.cit.), os índios apenas saqueavam os acampamentos para obter instrumentos cortantes, sendo, portanto, de não-violência a situação entre ambas as partes. De acordo ainda com esta fonte, o contato pacífico com "gateiros" ocorreu no período '60-70 quando se verifica a introdução da caça de animais silvestres na economia regional.

Os Assurini ocuparam a região do Ipiaçava e Piranhaquara em duas épocas. Esta que acabamos de nos referir é a mais recente. As aldeias citadas pelos indivíduos mais velhos do grupo e acima enumeradas, com exceção da aldeia Taiuwaika, foram estabelecidas na área numa época mais remota. Podemos confirmar esta afirmação através de certas referências como nascimento, idade e morte de indivíduos. Takamuim, atualmente com idade aproximada de 25-30 anos, nasceu em Y<sup>h</sup>tsipitsingo'o; a mãe de Tawayra, entre 40-45 anos de idade, morreu nesta aldeia; Morera (40-45 anos) deixou esta região em direção ao igarapé Ipixuna quando era jovem.

Nesta época, os Assurini deixaram a região devido ao ataque de Índios Kaiapô, seus vizinhos e inimigos. Lukesch encontrou na aldeia Gorotire (Novo Horizonte) no rio Fresco, arco, flechas e outros objetos tomados por ocasião das excursões que estes índios faziam no território Assurini. Os Kayapô-Xikrin também se tornaram vizinhos dos Assurini, entre eles, o grupo atualmente aldeado junto ao P.I. Bacajã.

Lux Vidal\* em seu livro sobre os Xikrin do Cateté, cita o relato por um índio de uma destas guerras: "Brigamos muito. Entramos na aldeia e corremos atrás deles. Os Assurini saíram correndo e aí todos apanhamos contas, aquela semente que eles furam (akrô), wara bae (tipo de cesta), pe-oi-ia-ê (cestinha) para botar farinha e milho e comer, peiotiamu, môn-iamu (penas de pássaro e arara), Krua (flecha), djudjê (arco) e tres meninos pequenos. Já nos brigamos. Agora nós voltamos. chegamos lá na cabeceira do Cateté, onde estávamos no meu. As mulheres fizeram mörö ku mei (muito choro-ritual). Depois os velhos foram atrás com os

\* Vidal, Lux - Morte e Vida de Uma Sociedade Indígena Brasileira, os Kayapô-Xikrin do Rio Cateté, Hucitec e EDUSP, São Paulo, 1977.



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

142  
[Handwritten signature]

~~Reservado~~

ngodjure (jovens ainda não iniciados). O velho Bep-karoti os encontrou, brigou na aldeia mesmo, trouxeram um menino. Nós tínhamos voltado para a aldeia que era no Kamoti".

Tres mulheres Assurini (Bepewi, Patuap e Tapi'ira) nos contaram o episódio de seu rapto pelos Kaiapô, entre os quais permaneceram tres meses, conseguindo finalmente fugir e regressar para junto do seu grupo.

Após inúmeros ataques, os Assurini se deslocaram para o igarapé Ipixuna, denominado Ipiraw<sup>h</sup>, cujas margens foram habitadas durante longo tempo. De acordo com relato feito por informantes, os Assurini se estabeleceram primeiramente entre os "igarapei" Tekarapo e Taperinina, afluentes da margem direita, formando uma aldeia denominada Ipeiwaikai. As nascentes destes "igarapei" se situam próximo às cabeceiras do Piranhaquara, confirmando a direção do caminho que percorreram na sua fuga dos índios Kaiapô.

Na mesma margem direita construíram outra aldeia, no "igarapei" Paperendi. Diz um informante que nesta época os brancos deixaram-lhes facão, talvez na tentativa do contato, evitado pelos Assurini. Em seguida, se estabeleceram à margem esquerda, entre a foz do "igarapei" Taperinina e Tazahomopawa, denominado a aldeia, Dzawarakapeona (onça preta). Vários outros afluentes do Ipixuna foram citados pelos índios, demonstrando que a região foi ocupada por muito tempo pelo grupo. Os nomes destes afluentes são: Apirundawa, Amoa'awa, Y<sup>h</sup>arapawa, Tukumaywaka e Urukuaw<sup>h</sup>, na margem esquerda e Takurendi na margem direita. Os formadores do Ipixuna são denominados Ipirata'anha e Ipare'ym.

As margens do "igarapei" Y<sup>h</sup>ara pawa, construíram duas aldeias: Ararondiwa e Itaka; próximo ao "igarapei" Tukumaywaka, estabeleceram uma aldeia denominada Tsiwakingi (caetetu magrinho). Nesta última, um avião sobrevoou-a e um índio (Woaiwa) atirou, supondo ser um grande pássaro, sendo severamente repreendido pelo Pajé Tawayra.

As margens do "igarapei" Urukuaw<sup>h</sup>, os Assurini estabeleceram várias aldeias. Os nomes de algumas delas são: Dzawotsi'pepukui, Kapeak<sup>h</sup>akuhu, Ō'apetsingi y<sup>h</sup> e Ywypypepuku. Neste

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

143  
R

~~Estado~~

local, os Assurini sofreram o primeiro ataque dos Índios Ararawa, como denominam os Araweté, que passam então a ser seus inimigos' mais recentes.

Além de conhecerem muito bem todos os afluentes do igarapé Ipixuna, os Assurini se referem com precisão a outros afluente do Xingu, rio acima. Os nomes destes afluentes são: Uru wuy<sup>h</sup>. Tukunarey<sup>h</sup>, Marita'o, Awarebé, Arapetsingi, Tapikwawari. Este último é a denominação dada ao igarapé São José (ver no mapa), ou bom Jardim.

Estes dados evidenciam que os Assurini ocuparam as margens do igarapé Ipixuna por um longo período e a área compreendida entre este e o igarapé (São José pode ser considerada de perambulação do grupo durante esta época.

Supomos que o deslocamento desta área ocorreu há 15-20 anos atrás, retornando o grupo às margens do Piranhaquara' e Ipiaçava, onde se deu o contato.

Como dissemos acima, quando estabelecidos no igarapé Urukuawy<sup>h</sup>, afluente da margem esquerda do Ipixuna, os Assurini sofreram o primeiro ataque dos Araweté. Estes teriam chegado' a referida região através das cabeceiras dos igarapés Ipixuna e B. Jardim. Os Assurini deslocaram-se então, para a margem direita do Ipixuna, estabelecendo-se próximo ao "igarapei" Paperendi. Ai, novamente foram atacados pelos Araweté, dirigindo-se então para as margens do Piranhaquara, onde sofreram outro ataque do inimigo.

Daí seguiram para as margens do Rio Ipiaçava. Nesta área, entre as cabeceiras e o médio curso dos Rios Ipiaçava e Piranhaquara, foram atacados pelos Xicrin do Bacajá, em 1966, de acordo com o sertanista Antonio Cotrin, (relatório de 20 de outubro de 1971 ao chefe da Base Kararão, Altamira). Este foi confirmado durante nossa permanência entre os Xicrin do Bacajá, em novembro de 1979. Segundo o técnico de indigenismo do P.I. Bacajá, por ocasião de um encontro do índio Assurini Tutem com o índio' Xicrin, Mereti, em Altamira, o primeiro reconheceu este último' como um dos matadores de seus parentes.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI144  
R

É neste segundo momento de ocupação da área do Piranhaquara e Ipiaçava que os Assurini se aproximaram da atual localização, "empurrados" pelos Araweté e Xikriñ, provavelmente, em busca de uma solução inevitável para se defender do inimigo: o contato com o branco.

Segundo um informante (Takamuim), a direção tomada pelo grupo em sua fuga dos Araweté foi determinada pelo conhecimento da presença do branco nesta região. Durante a viagem que fizemos pelo Piranhaquara, Takamuim nos contou que conhecera Itazoara dois anos antes do contato realizado por Lukesch. Sua aldeia, então, era pequena, bem como a roça de milho pois estavam fugindo do inimigo. Sabendo da presença de brancos no Piranhaquara, ele e seu grupo se dirigiram ao Igarapé, chegando à Itazoara. Não encontrando os akarai (branco), voltaram ao interior e fizeram nova roça de milho. Nesta época, os Assurini estavam divididos em dois grupos. Um deles, ao qual pertencia Takamuim, se encontrava entre o Piranhaquara e o Ipiaçava. O outro, estava estabelecido na margem direita do Ipiaçava, próximo ao local onde foram contatados. Efetivado o contato com este grupo, um parente de Takamuim veio buscá-los para também se estabelecerem junto ao Akarai.

De acordo com estas informações, a aliança com o homem branco representava uma solução para se defender dos Araweté. Não podemos afirmar se esta foi realmente a intenção do grupo ou se trata de uma interpretação 'a posteriori'. De qualquer maneira, havia opiniões entre os membros do grupo a favor do contato com o branco como estratégia para dar fim a uma situação já insustentável. Cotrin que prosseguiu o trabalho de contato afirma o seguinte em seu relatório: "Testemunhamos durante nossa permanência entre os Assurini o seu temor ante a simples propalação da presença dos seus rivais nas cercanias da aldeia. O clima de pânico era geral, a recordação das reverses em embates anteriores demonstra a superioridade bélica dos Araraphe\* (como os Assu

---

\* Não compreendo a grafia utilizada por Cotrin. Trata-se, de qualquer maneira dos índios Ararawa.

145  
②

104

rini os denomina). De sorte que, essas contingências impediram os Assurini a uma aproximação com os brancos; entre estes teriam um refúgio seguro contra as hostilidades dos seus antagonistas - ou, mesmo, aliados para uma futura vindita" (cf.op.cit.pg 9).

Os Assurini foram primeiramente contatados em 1971, pelos padres Anton e Karl Lukesch da Prelazia do Xingu. O programa de "pacificação" dos Assurini, chefiado pelos padres, foi posto em execução em meados de abril, atingindo seu êxito no dia 09 de maio. A frente de penetração da FUNAI, chefiada por Antonio Cotrin atuava em área adjacente. Com a notícia do contato, o roteiro desta expedição foi alterado e o grupo seguiu para o Rio Ipiaçava. Segundo Cotrin, no dia 17 de junho a "FUNAI passa a assumir o controle da situação, desempenhando conforme suas prerrogativas o papel de agente de intervenção, proibindo o prosseguimento das atividades dos referidos missionários que involuntariamente séri os prejuízos causaram a esta comunidade". (op.cit.pg5).

É indiscutível que o habitat tradicional dos Assurini compreende a área desde a margem esquerda do rio Bacajá e margem direita do rio Xingu na região da confluência destes dois rios até o igarapé B.Jardim. A região das cabeceiras e do curso médio dos rios Ipiaçava, Piranhaquara e Ipixuna pode ser considerado o território Assurini nos últimos 50 anos.

A região do Igarapé Ipixuna, entretanto, é ocupada atualmente pelos índios Araweté que os expulsaram há 15 20 anos atrás.

A área delimitada corresponde, portanto, à região de ocupação efetiva atual do grupo, incluindo antigas aldeias e área de perambulação.

Na margem direita do rio Ipiaçava ainda se encontra semidestruída a habitação coletiva tradicional denominada Ta'awiwe existente na época do contato (aldeia Tauwiaka, referida pg. 02 deste relatório)\*\*

---

\* Descrevemos esta casa na página 20 ; atualmente, os índios se referem a ela pelo termo akapepum que significa "casa redonda"; segundo os Assurini, um índio intérprete de nome Apui que participava da frente da atração da FUNAI, teria utilizado este termo para lhes perguntar sobre a localização da aldeia. Utilizaremos também o termo 'casa grande', nome em português empregado pelos Assurini.

146  
⑩

~~SECRETARIA~~

A akapepum é construída sobre a sepultura do primeiro falecido na aldeia recém-formada. Na aldeia atual, assim ocorreu. Todos os mortos passam, então, a ser aí enterrados.

Os Assurini se referem às aldeias antigas pelo termo akapepum, evidenciando a importância desta casa na constituição e concepção de um aldeamento como unidade social e religiosa. A casa grande é também o local onde se realizam as principais cerimônias Assurini como o Turé, complexo cerimonial relacionado à celebração dos mortos.

Periodicamente, os Assurini visitam o local da antiga aldeia acima referida para buscar cabaças (kuieté). O plantio destas numa aldeia só pode ser realizado se houver mortos aí enterrados pois do contrário, pode provocar a morte de seus habitantes.

## II. Localização da Aldeia e Infra-estrutura da FUNAI

A aldeia Assurini está localizada à margem direita do igarapé Ipiaçava, afluente da margem direita do rio Xingu, município de Senador José Porfírio, estado do Pará, no local de coordenadas aproximadas de 04º06'37"S e 52º27'43"W Gr.

O Posto indígena Koatinemo se localiza junto à aldeia e conta atualmente com as seguintes instalações:

- A) Barração de madeira com piso de cimento, coberto com telhas de Brasilite. Trata-se da sede do Posto e compreende dependências dos funcionários da FUNAI, sala do rádio, farmácia e depósito de alimentos e bens fornecidos aos índios.
- B) Casa da farinha (coberta de palha): possui forno de torrar farinha e um caitetu acionado a motor que se encontra atualmente inutilizado.
- C) Casa de palha com 3 quartos para residência de funcionários, atualmente ocupada por uma família Assurini.
- D) Escola (coberta de palha).
- E) Casa do grupo gerador com 3m por 1,5m, feita de barro e coberta de cavaco.

F) Fossa com casinha de barro, coberta com telhas de brasilite, chão cimentado com 1,5m por 2m.

III. Aspectos Demográficos, Sócio-culturais e Econômicos

3.1. População, habitação e grupos residenciais.

A população Assurini conta atualmente com 56 indivíduos cuja distribuição em faixas etárias é a seguinte\*:

HOMENS		MULHERES
<input type="checkbox"/> 0	a	4
4	a	9
10	a	14
<input type="checkbox"/> 15	a	19
<input type="checkbox"/> 20	a	24
<input type="checkbox"/> 25	a	29
<input type="checkbox"/> 30	a	34
<input type="checkbox"/> 35	a	39
<input type="checkbox"/> 40	a	44
<input type="checkbox"/> 45	a	49
<input type="checkbox"/> 50	a	54
<input type="checkbox"/> 55	a	59
<input type="checkbox"/> 60...		

22.....Subtotal .....34

Total .....56

Tratando-se de um grupo recém-contatado, deve-se levar em conta que o mesmo atravessa atualmente um período de decréscimo populacional como geralmente ocorre em consequência do contato. Este assunto é tratado no Plano e relatórios do Projeto de Recuperação dos Assurini do Koatinemo, 1978/1979, constituindo, inclusive, a principal justificativa de sua execução. É de se esperar, portanto, que superado este período, a população Assurini conte com um número significativamente maior de indivíduos.

A população se encontra atualmente distribuída em 11 casas. (ver apêndice). A composição dos grupos residenciais entre os Assurini é muito variável de acordo com a pesquisa de campo que vimos realizando desde 1976. Há uma constante reorganização dos grupos domésticos, com a mudança de famílias nuclea-

\* a idade das pessoas é uma estimativa.

148  
100

10

res e indivíduos de um grupo residencial para outro.

Comparando-se os Assurini aos Tenetehara, nota-se que há um traço de semelhança entre os dois grupos indígenas no que diz respeito a estrutura do grupo doméstico. Segundo Wagley e Galvão\* entre os Tenetehara, o core da família extensa é composto por um grupo de mulheres relacionadas pelo parentesco, ainda que lideradas por um homem. Idealmente, nesta sociedade, uma família extensa está baseada no controle de um homem mais velho sobre suas "filhas" (suas próprias filhas e as filhas de seus irmãos).

Citando ainda estes autores\*\*, entre os Tapirapê e Tenetehara verifica-se "famílias extensas chefiadas por um homem mais velho que atrai um grupo de jovens para seu grupo por meio de residência matrilocal. Entre os Tapirapê e Tenetehara, um homem mais velho, possuidor de certo prestígio, reúne um grupo familiar em torno de si pelo jogo do sistema de parentesco e pela adoção de tantas "filhas" quanto seja possível. Os jovens maridos dessas "filhas" cooperam com ele, tanto na caça como nas atividades agrícolas. Entre os Tapirapê e frequentemente entre os Tenetehara, esse grupo de família ocupa uma grande casa comunal".

Entre os Assurini, observa-se na composição de alguns grupos domésticos grupos de irmãos sendo que em dois casos, trata-se de um grupo de mulheres irmãs entre si, em torno do qual o grupo doméstico está organizado. Por outro lado, não se verifica atualmente uma liderança que possa ser identificada com aquela apontada por Wagley e Galvão. O desaparecimento dos morowiawa (homens mais velhos) deve ter alterado profundamente a estrutura do grupo doméstico e conseqüentemente, da própria organização social.

---

\* Wagley, C. e Galvão, E. - THE TENETEHARA INDIANS OF BRAZIL - A CULTURE IN TRANSITION, number 35 in the Columbia University contributions to Anthropology, NY, 1969, pg.25.

\*\* Wagley, C. e Galvão, E. - O parentesco Tupi-guarani in Boletim do MUSEU NACIONAL, n.s., Antropologia, nº 6, RJ, 1946, pg.4.

149  
[Handwritten signature]

A instabilidade na composição dos grupos domésticos e a constante redistribuição das famílias entre os grupos residenciais, deve-se entre outros fatores, à depopulação do grupo.

Tradicionalmente, os Assurini viviam em grupos locais, distantes alguns quilômetros uns dos outros, segundo informação dos próprios índios. A akapepum, anteriormente citada, correspondia então, a uma maloca, entendida como unidade sócio-política. Devido ao decréscimo populacional, entre outros fatores, o grupo atual é formado por membros de diferentes grupos locais, de acordo com informação dos Assurini que atribuem a este fato, as rixas e brigas constantes que se verificam nos dias de hoje.

Pode-se, portanto, admitir a hipótese de que, restabelecido o equilíbrio demográfico, a população passe a se distribuir espacialmente de acordo com a maneira tradicional ou seja, em malocas distantes umas das outras. Esta hipótese foi levada em conta no estabelecimento da extensão da área delimitada.

Das 11 casas atualmente existentes, tres delas são desmembramentos do grupo que residia na 'casa grande' cuja construção é de responsabilidade de toda a comunidade. Aí são enterrados os mortos e se realizam as principais cerimônias Assurini.

A 'casa grande' existente na aldeia desde 1975 foi recentemente destruída e os índios estão construindo uma nova no mesmo local da anterior de modo a continuar cobrindo as sepulturas. Este é um fato inédito pois a construção de uma akapepum se verificava quando, estabelecidos recentemente num local, ocorria a primeira morte na nova aldeia.

A akapepum corresponde à descrição de um tipo de moradia característica dos Tupi: "A planta é retangular mas sua forma é abobodada". (Laraia, R.-A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS TUPI CONTEMPORÂNEOS, tese de doutoramento, São Paulo, 1972, pg15)... "teto e parede constituem uma unidade homogênea". (Laraia, R.op.cit.pg. 144).

As dimensões da 'casa grande' diferem das demais. A akapepum anterior media 60m de comprimento, 12m de largura e 10m de altura. A planta da 'casa grande' que está sendo construída mede 50m de comprimento e 10m de largura. O tamanho médio das



outras casas é de 12m de comprimento, 7m de largura e 4m de altura.

Com exceção de uma das casas, também de forma arredondada\* (akietê), estas são construções semelhantes ao estilo regional, isto é com cobertura de duas águas, denominadas apemo'on. Uma das casas ocupadas pelos Assurini pertence à FUNAI, servindo anteriormente, de residência para seus funcionários.

Além das habitações que formam a aldeia, há tres casas localizadas nas roças, respectivamente a 2, 3 e 7km de distância da aldeia. Na época do preparo da farinha de mandioca, algumas famílias se mudam para a casa da roça, facilitando o transporte da mandioca.

Uma das casas da roça é habitada permanentemente por Taiuwi e sua esposa. Nesta casa, periodicamente, se estabelecem famílias cujas roças são contíguas e cujos membros mantêm entre si relações de cooperação econômica, outras ocasiões em que as famílias passam a residir nestas casas são o preparo do terreno para o plantio e a colheita do milho.

### 3.2. Roças

Uma das principais fontes de recurso na economia Tupi tradicional é o cultivo da terra sendo que a mandioca representa o elemento básico da dieta alimentar Assurini. Cultivam também o milho, batata-doce, favas, algodão, cará, urucu, banana, fumo, melancia, amendoim.

Várias espécies de mandioca são cultivadas. De uma de suas variedades, mani'ak(a), fabricam diferentes farinhas e o beiju; há também diferentes tipos de mingaus os quais são preparados quase que diariamente e levam como ingrediente o líquido de uma outra variedade de mandioca doce e de tamanho bem maior que as demais (mani'akawa).

Os homens de um grupo doméstico são responsáveis pelo preparo do terreno para o plantio. Na derrubada de grandes árvores, convidam todos os homens da aldeia para os auxiliarem. Aos participantes do mutirão oferecem mingau. Homens e mulheres realizam o plantio. O cultivo do milho, entretanto, é tarefa exclusiva das mulheres.

---

\* agi é diminutivo de aka que significa casa; etê=verdadeiro; outro nome para a 'casa grande' é aketê, diferenciando-a das outras casas de forma arredondada denominadas akietê.

151  
10

~~Assurini~~

Nas atividades agrícolas, os homens de um grupo doméstico mantêm entre si relação de cooperação e a produção da roça pertence às suas mulheres, em torno das quais se organiza o grupo doméstico.

Neste sentido, portanto, as roças são coletivas, sendo que cada grupo doméstico utiliza uma área média estimada de 30.000m<sup>2</sup> num período de dois anos para abrir roça. Estimamos em 160.000m<sup>2</sup> a área total atualmente cultivada pelos Assurini.

A colheita da roça é feita em dois anos, isto é, no primeiro ano, colhe-se o milho, um pouco de mandioca e a ma-ni'akawa. No segundo ano, a roça "velha" fornecerá a mandioca pa o preparo da farinha e uma nova roça é aberta.

Atualmente, as roças não distam mais de 4km da aldeia. Há casos, entretanto, de roças feitas na margem do Ipiaçava, cuja distância requer uso de barco a motor.

De acordo com a avaliação da capacidade natural do uso da terra e sua classificação no que se refere à agricultura, realizada pelo Projeto RADAM, as terras da região são consideradas como de uso restrito tanto para as culturas de ciclo curto quanto as de ciclo longo. Segundo a classificação estabelecida, a "classe baixa" ocupa a maior extensão da área e corresponde a uma associação de solos Podzólico Vermelho Amarelo de textura argilosa, Podzólico Vermelho Amarelo de textura argilosa plínico e Latossolo Vermelho Amarelo Distrófico em relevo suave ondulado. Foi avaliado pela Divisão de Uso Potencial da Terra dentro desta classe, tendo em vista a baixa fertilidade dos seus solos. (cf. RESERVA INDÍGENA KOATINEMO - AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE MÉDIA DO USO DA TERRA, Convênio FUNAI/DNPM/RADAM BRASIL, Belém, ... 1976, pg.13).

Assim, a extensão da área delimitada objetiva também dar condições de recuperação do solo, garantido o sistema tradicional de aproveitamento da terra o qual supõe um espaçamento no tempo de sua utilização e portanto, mudança periódica da área a ser cultivada.

### 3.3. Caça, Pesca e Coleta.

A dieta alimentar Assurini baseada nos produtos a

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

152  
152  
152

grícolas acima citados é complementada por aqueles produtos obtidos através da caça, pesca e coleta.

Os Assurini caçam os seguintes animais, por ordem de preferência: - Porco-do-mato (tazaho), mutum (mytu), caetetu (tsima), cotia (akutsi), jacu (dzaku), nambu (ynambu).

O porco-do-mato é a caça predileta dos Assurini. Quando alguém encontra um bando destes animais, geralmente em roças antigas, vem avisar os demais homens da aldeia, os quais se dirigem então em conjunto para realizar a caçada.

No cotidiano, entretanto, os homens caçam individualmente ou juntamente com outro homem do próprio grupo doméstico.

Periodicamente, os Assurini realizam excursões de caça e pesca das quais participam homens e mulheres e cuja duração varia de uma semana a 15 dias. Nestas ocasiões, os Assurini se dirigem e acampam em locais que distam de um a dois dias de caminhada da aldeia (ver mapa, áreas de caça).

Há também caçadas coletivas que se realizam com a finalidade de se obter alimentos para refeições cerimoniais. Tivemos oportunidade de observar duas dessas ocasiões: em uma das refeições foi servido jaboti e em outra, mutum.

O jaboti (dzawotsi) constitui um dos alimentos básicos da dieta alimentar Assurini, sendo seu apresamento uma atividade essencialmente masculina, constantemente realizada.

A pesca coletiva é realizada na época do verão nos pequenos igarapês ou em locais do igarapé Ipiaçava que possibilitam a utilização de técnicas tradicionais. Estas compreendem a utilização do timbo (tsimbã) em águas que são represadas, naturalmente ou com a construção de tapagens (dziki'i). Os peixes são flechados ou recolhidos em cestos.

Além da técnica timbô, os Assurini possuem vários instrumentos como uma armadilha feita de talo de palmeira (pyryteté), espécie de funil colocado nas corredeiras; esteira de talo de palmeira (ipepuku) que, colocada nas corredeiras, "coa" os peixes; dziki'a, espécie de cone feito de folha de palmeira o qual é colocado numa abertura da tapagem para apresar os peixes

153  
10

~~Reserva~~

que por ali tentam passar.

Nesta época do ano, pequenos peixes são apanhados com o auxílio de peneiras ou com as próprias mãos em pequenos cursos d'água (igarapei). Estes peixes, entre eles o amoatã, são muito apreciados pelos Assurini. O dzezu é obtido também em pequenos igarapês, durante todo o ano, constituindo um alimento básico, principalmente na dieta dos pais de uma criança recém-nascida.

No que se refere ao peixe como alimento, atualmente os Assurini aumentam esta fonte com a utilização de anzóis e linha de nylon na pesca de peixes maiores como o surubim(uruwi'o), pescada(tukunaretsinga), tucunarê (tkunarê), trairão(pira'o) cachorra(aikynga), tareira, etc. Nesta atividade participam geralmente os homens de um grupo doméstico acompanhados, às vezes pelas mulheres. Esta pesca é realizada no rio Xingu e no Ipiava, desde sua foz até aproximadamente 4 horas de barco a motor à montante da aldeia.

Os principais produtos da coleta entre os Assurini são o coco-babaçu(maritã) e a castanha-do-Pará(nhy<sup>h</sup>).

O coco-babaçu é utilizado no preparo do óleo(dzandy) que os Assurini passam sobre o corpo e cabelo, como proteção contra mosquitos e como ornamentação.

A castanha-do-Pará é amplamente utilizada no preparo de alimentos principalmente nos mingaus e com carne e farinha de mandioca socados no pilão, constituindo um importante enriquecimento da alimentação.

Os Assurini coletam também o coco inajã(indazã) e o frutão(araha) com os quais preparam mingaus.

Várias espécies de coco são coletadas como matéria-prima para a confecção de enfeites e instrumentos usados nas práticas xamanísticas (dzawarã, mombaka, iwai, etc).

Há uma espécie de coco de tamanho grande(maritã) utilizado na confecção de um enfeite corporal de grande importância na ornamentação ritual dos Assurini (pulseira, também denominada maritã). Esta espécie de coco é encontrada às margens do igarape Piranhaquara há aproximadamente dois a três dias de cami

154  
R

nhada da aldeia (ver mapa, área de coleta).

### 3.4. Outros recursos naturais

A cerâmica Assurini é confeccionada com um tipo de argila especial, encontrada em determinados igarapês, a aproximadamente 5 km da aldeia.

Na decoração da cerâmica, utilizam pedrinhas de cor preta, vermelha e amarela (concentração de óxido de ferro) as quais são encontradas em determinados tipos de solos. A margem do Piranhaquara, no local indicado no mapa, é uma das regiões onde se encontra este material.

### 4. Propostas Anteriores de Delimitação da área Assurini.

O sertanista Antonio Cotrim cita em seu relatório, os seguintes limites para demarcação da área indígena (cf. op. cit. - pg. 32):

NORTE: a margem esquerda do igarapé Lages, situada à margem direita do rio Xingu;

LESTE: a margem esquerda do igarapé Lages, até suas nascentes, daí seguindo uma linha seca em direção das nascentes do igarapé Ipiava - situada em posição sudeste -, prosseguindo a linha seca até atingir as nascentes do igarapé Piranhaquara;

SUL : a margem direita do igarapé Piranhaquara, até suas nascentes;

OESTE: a foz do igarapé Piranhaquara, situada na margem direita do rio Xingu.

Em 1976, uma equipe do Convênio RADAM/FUNAI elaborou um mapa-base da Reserva o qual se encontra no documento FUNAI - área 6 - RESERVA INDÍGENA KOATINEMO - Avaliação da Capacidade Natural Média do Uso da Terra, Convênio FUNAI/DNPM, RADAM, 1976. Este documento se encontra no Departamento Geral do Patrimônio Indígena (DGPI) da FUNAI e uma cópia do mapa-base consta do processo nº FUNAI/BSB/3832/78.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

155  
10

~~BRASILIA~~

Através de viagens de reconhecimento da área, em entrevistas com os Assurini e com regionais realizamos o levantamento de dados para comparar e avaliar estas delimitações, as quais nos serviram de base para elaboração da presente proposta.

Concluimos através dos trabalhos realizados, cujos resultados constam deste relatório, que os limites propostos por Cotrim compreendem realmente o território Assurini nos últimos 50 anos, constituindo a proposta mais adequada. A região das cabeceiras do Piranhaquara e do Ipiaçava é área de ocupação tradicional do grupo Assurini, onde se encontram antigas aldeias, nas quais estão enterrados seus mortos e algumas das quais os Assurini visitam periodicamente.

Por outro lado, a proposta do Convênio RADAM/FUNAI exclue dos limites da área as antigas aldeias e, portanto, grande parte do território tradicional, bem como a área de perambulação atual e áreas de produtos e recursos naturais básicos na vida econômica e cultural do grupo.

Com base no parágrafo 1º do Art.24 do Estatuto do Índio, entendemos que o usufruto (direito à posse, uso e percepção) de mananciais e das águas das vias fluviais será melhor assegurado se os índios tiverem domínio sobre suas nascentes. As nascentes dos rios Piranhaquara e Ipiaçava estão excluídas desta delimitação.

A justificativa fundamental, entretanto, para a ampliação da área proposta pelo Convênio RADAM/FUNAI se encontra num futuro não muito distante. Com a construção do Complexo Hidrelétrico do Xingu, parte das terras que margeiam o referido rio, na região habitada pelos Assurini, será inundada.

Desde 1976 a CNEC (Companhia Nacional de Engenheiros Consultores S/A) vem realizando pesquisa para a ELETRONORTE sobre o aproveitamento hidráulico do rio Xingu e seus afluentes, tendo em vista a construção da usina hidrelétrica (cf. Folha de São Paulo - 11.07.78). Até o início deste ano, na própria aldeia Assurini, havia um pluviômetro utilizado pela CNEC em suas pesquisas.

156  
100

A primeira fase desses trabalhos será concluída ainda este ano. Dados precisos sobre a extensão da área a ser inundada são, portanto, inexistentes. A CNEC forneceu, entretanto, uma das prováveis cotas de inundação, cuja ilustração no mapa-base do Convênio RADAM FUNAI consta do processo nº FUNAI/BSB/3832/78.

De acordo com os dados fornecidos, aproximadamente 30.000ha., da área da Reserva são inundados, inclusive a própria aldeia, representando quase a metade da extensão da área proposta pelo referido Convênio (78.050ha.).

4. Habitantes da Aldeia Assurini\*- Julho/1979.

- Casa 1: Morera, Mamari, Mapurungi, Aiwa, Zakundã
  - Casa 2: Mbaio, Moteri, Turê, I'iwa, Zurui, Maracawa
  - Casa 3: Nemo, Turei, Arui, I'a
  - Casa 4: Koati, Arapoã, Tapakai
  - Casa 5: Tutem, Bepewi, Tataokwaia, Tapi'ira, Apeon(a)
  - Casa 6: Okina, Taperai
  - Casa 7: Awakarê, Arapai, Takiri, Taraweiwi, Azui, Towawrym
  - Casa 8: Morabo, Arambê, Taimbira, Apebo, Mbaia, Kuypyona
  - Casa 9: Woaiwa, Patuap, Mbatuia, Takamuim
  - Casa 10: Wewei, Momuna, Zapepai, Azaipu
  - Casa 11: Murumuim, Tarakoa, Mirabo, Murumanak(a), Ynambui, Pemeiri e Murukai.
- Taiuwu, Mburi, Tawayra e Mara residem na parte da 'casa grande' anterior.

---

\* ver apêndice.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

157  
R

APÊNDICE

ALDEIA ASSURINI DO PI KOATINEMO



8

GAMPO DE POUSO 400 m X 20

7

6

9

Casa grande antiga

Casa grande Nova

5

10

4

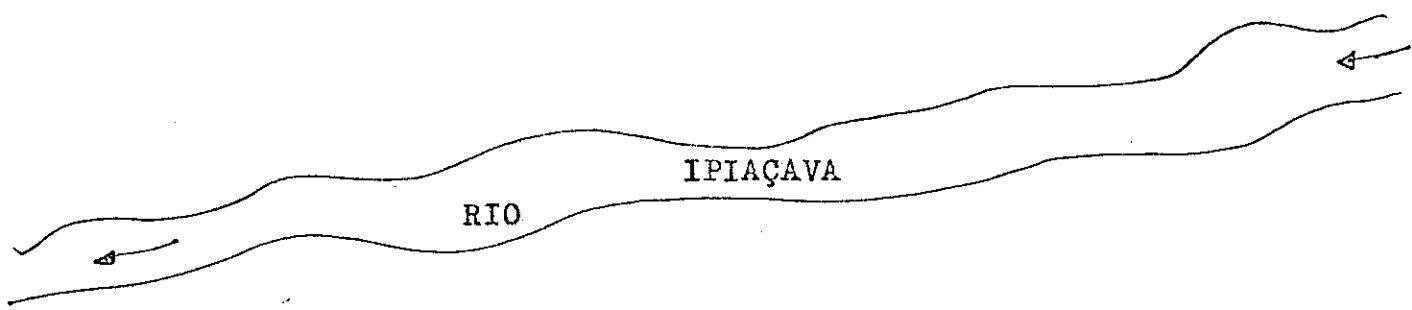
11

1

2

3

P. I.





II - ARAWETÉ DO  
PI. IPIXUNA

1. Histórico

Os ARAWETÉ, localizados no Rio Ipixuna, são um grupo de filiação linguística tupi-guarani, cuja denominação lhes foi designada pelo sertanista João Evangelista Carvalho - Arawetê, "termo derivado de AWATÉ - gente ou homem verdadeiro"\*. Esta informação consta no artigo de Expedito Arnaud, "Notícia sobre os índios Arawetê, Rio Xingú, Pará", BOLETIM DO MUSEU PARAENSE E MILIO GOELDI, N.S., Antropologia, nº 71 - 1978, baseado no relatório do sertanista Raimundo Alves e no diário do sertanista João Evangelista Carvalho, os quais chefiaram as frentes de atração dos índios do Rio Ipixuna.

De acordo com informações dos Assurini, os Arawetê por eles denominados Ararawa, chegaram à região que ocupam atualmente, através das cabeceiras dos Igarapês Ipixuna e São José.

Segundo os sertanistas que participaram do trabalho de atração dos Arawetê\*\*, a mais antiga localização do grupo foi encontrada nas cabeceiras do rio Bacajã, onde ainda existem vestígios de antigas aldeias. Através da mesma fonte, sabe-se que o grupo se deslocou deste local em direção aos igarapês Jatobá e Bom Jardim, devido às hostilidades com os Xicrin e Parakanã.

Entre os Xicrin do Catetê, Frikel encontrou objetos dos Arawetê e os índios lhe contaram sobre as guerras contra os Kubem-kamrek-ti, como denominaram os Arawetê. De acordo com a pesquisa que realizamos entre os Xicrin do Bacajã, este confirma

---

\* Por outro lado, como tivemos oportunidade de verificar e por informação pessoal de Raimundo Alves, Arawetê é o termo que os índios empregam para se referir aos Assurini do Rio Ipiaçava. Estes, por sua vez, se autodenominam Awaetê-"gente de verdade", como já registramos em relatórios anteriores apresentados à FUNAI. Durante o período que permanecemos entre os índios do Ipixuna, não nos foi possível obter sua auto denominação.

\*\* Arnaud, Expedito - op.cit.p.6

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

159  
10

ram os ataques que fizeram contra os Kubem-Kamrek-ti, nas cabeceiras do Rio Bacajã. O sertanista Raimundo Alves afirma que antigas aldeias Araweté também são encontradas entre o igarapé Canafístula e o médio rio Ipixuna.

Chegando a este local, expulsaram os Assurini ali aldeados, há aproximadamente 15 anos atrás.

No médio rio Ipixuna, desde a década de 60, os Araweté estabeleciam contato com "gateiros" que trabalhavam na região e lhes presenteavam de modo a manter com eles relações pacíficas.

Em 1970, foram iniciados os trabalhos de atração da FUNAI, dos quais participou o sertanista Antonio Cotrim Soares, sem obtenção de quaisquer resultados.

Na 2ª tentativa do contato, em janeiro/fevereiro de 1971, Cotrim se encontra com um grupo de Índios que o levam a visitar uma de suas aldeias, com 13 casas, permanecendo dois dias entre eles. Em seu relatório\*, Cotrim se refere a uma "maloca comunal" abandonada, cuja descrição corresponde à casa comunal dos Assurini (aketé) e aos bancos confeccionados por estes Índios. Através destes dados, supomos que se tratava de antiga aldeia Assurini ocupada então pelos Araweté.

Em maio de 1971, os Assurini são contatados pelos padres Antonio e Carlos Lukesch - Cotrim deixa então os trabalhos no Ipixuna e se dirige ao Ipiaçava para assumir o contato com os Assurini, desde que a FUNAI proibira o prosseguimento das atividades dos referidos padres\*\*

Em 1972, a frente de atração do Ipixuna passa a ser chefiada pelo sertanista Raimundo Alves, cujos trabalhos intermitentes não tiveram resultados até 1973. Em novembro deste ano, a frente de atração se encontra com um grupo de 11 homens e uma mulher com sua filha. Embora o encontro tenha sido amistoso, o aces

---

\* Cotrim, Antonio - "Relatório do sertanista Antonio Cotrim Soares ao Coordenador da Base Kararaô - Cel Pedro da Silva Rondon sobre as atividades da frente de trabalho no decorrer da 2ª Penetração na área do igarapé Ipixuna", Altamira, 7p. Xerox (Inédito), 1971.

\*\*Cotrim, Antonio - "Relatório de 20 de outubro de 1971 ao chefe da base Kararaô", Altamira. (Inédito)

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUN.

so à aldeia não lhe foi permitido.

A 100km da foz do Ipixuna no Xingu, esta frente esta belece um Posto de atração, faz roças e começa a abrir uma picada em direção à aldeia, situada a 8km deste local, afim de atrair os índios (informações pessoal do sr. Salomão Santos, chefe da Ajudância de Altamira).

Ocorreram nesta época, encontros esporádicos mas ainda não se obteve maiores resultados.

Em 1976, os Araweté são atacados e dispersos por um grupo Parakanã denominados por eles AUIM, e fogem em direção aos igarapés Bom Jardim e Jatobá e para a beira do Xingu.

Em maio de 1976, funcionários da FUNAI e do CNEC (consórcio Nacional de Engenheiros Consultores S/A) comunicam à Ajudância de Altamira a existência de índios à beira do Xingu, no furo do Tamanduá. O sertanista Raimundo Alves se dirige ao furo do Jaboti pois os funcionários do CNEC se confundiram e ao invés de indicarem o local como furo do Tamanduá, indicaram como furo do Jaboti. O sertanista não encontra os índios, regressa a Altamira e a frente de atração reinicia os trabalhos em setembro, chefiada então por João Carvalho. Encontram, inicialmente "um grupo de 50 índios (homens, mulheres e crianças) acampados junto a um roçado de milho e mandioca existente no lugar S.Miguel, à margem do Xingu entre Jatobá e Bom Jardim..."\*.

Em seguida, passo a transcrever um trecho do referido artigo de Exedito Arnaud: "Ocorre que, as condições de saúde e de nutrição desses índios era das mais precárias, pois vários deles estavam gripados e, de modo geral, famintos e magros, inclusive crianças, sem condições de viajar devido o estado de fraqueza" (Carvalho, 1977). Apesar da afabilidade demonstrada pelos índios, o chefe da turma como aliás seria de esperar, enfrentou sérias dificuldades a partir do momento em que tentou medicá-los. Não só recusavam ingerir os remédios como fugiam ou trepavam nas árvores quando avistavam o aparelho de injeção. Só após o próprio chefe da turma haver tomado uma injeção é que um dos jovens índios

---

\* Arnaud, Exedito - op.cit.p.16

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

161  
P  
24

também ofereceu o braço para uma aplicação; e havendo ele reagido de modo satisfatório, aos poucos outros índios também passaram a aceitar tal tipo de tratamento mas, em seguida havendo os índios 'retornado à mata, já 4 meses mais tarde é que a turma de atração' pode estabelecer novo contato, com 44 índios, cujas condições de saúde, eram mais sérias que as apresentadas no encontro anterior. Esses indivíduos, na maioria, mostravam sintomas evidentes de malária; quase todos estavam com escabiose e, como arranhavam-se desesperadamente, ficavam com os corpos cheios de feridas; e também apresentavam inflamações oculares, existindo 3 índias cegas do olho esquerdo. As mortes causadas pelas enfermidades e fome haviam sido acentuadas, pois, através dos caminhos foram encontrados pelos expedicionários 46 cadáveres somente de adultos. Na oportunidade, tendo a turma de atração instalado um acampamento mais estável junto ao grupo, pode o chefe realizar diálogos mais demorados com os elementos do grupo. Mas decorreu certo tempo para que fosse permitido aos expedicionários chegarem até à aldeia, pois foi difícil convencer os índios de que não eram "parentes" das outras pessoas que lhes tinham causado mortes em ocasiões anteriores. Ocorre que, quando o chefe da turma já realizava visitas esporádicas à aldeia, os Araweté foram novamente atacados pelos Parakanã que lhes causaram 10 mortes. O estado de saúde dos Araweté, todavia, desde então foi melhorando gradativamente, face a regularidade com que passaram a ser assistidos.

Em março de 1977, a população Araweté contava com 120 indivíduos.

Nesta época, a frente se encontrava instalada no Posto de Atração acima referido, isto é, a 100km da foz do Ipixuna. Os índios haviam retornado da beira do Xingu e dos demais locais para onde se deslocaram após o primeiro ataque dos Parakanã e se reagrupado novamente em aldeia. De acordo com informação pessoal do sr. Salomão Santos, este reagrupamento foi resultado dos esforços do sertanista Raimundo Alves que convenceu inicialmente um pequeno grupo a retornar para a área de sua aldeia, sendo seguido pelos demais grupos dispersos.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

162  
R

~~SECRETARIA~~

Paralelamente, a frente agora chefiada por Raimun do Alves instala novo Posto de Atração rio abaixo e faz uma grande roça para convencer o grupo a se localizar junto ao mesmo. Em fins de 1978, os Araweté mudam-se para este local, formando duas aldeias, uma junto à roça do Posto e outra a dez minutos de caminhada da primeira, localizada junto a uma roça feita pelos próprios índios.

2. População

Em julho de 1978, a população Araweté contava com 122 indivíduos.

Atualmente, os Araweté são 133 indivíduos, sendo 91 em uma aldeia e 42 na outra, distribuídos da seguinte maneira:

A) ALDEIA JUNTO AO POSTO:

Casa 1: Tatuará, Tatuahi, Tatuawi, Matsiham, Morekati.

Casa 2: Nhereatarã, Aradãhi, Ararynhakanhym, Iwanê, Tapinaiera.

Casa 3: Nhereatã, Moiparam.

Casa 4: Mborehapinha, Mboreham.

Casa 5: Azarã, Zapehaikanhym.

Casa 6: Takazamaram, Kanhywetehi, Takazamam.

Casa 7: Mytamhipinham, Mytamhi, Kanhynhazã, Kanhytê, Patekam, 1 criança de 6 meses sem nome.

Casa 8: Kanapyahã, Kawiahi, Kanapyã, Ezo.

Casa 9: Na'ân.

Casa 10: Kawerenhym, Izara'amba.

Casa 11: Araweté, Tétam.

Casa 12: Araikanhym, Iwamaiô, Apitê.

Casa 13: Marupam, Tsiê.

Casa 14: Zapidã, Zapihi, 1 criança de menos de 1 ano sem nome.

Casa 15: Monaiarã, Upatsitsihi.

Casa 16: Manimetsipinham, Manimedã, Manimehi.

Casa 17: Taimhi, Arita'anã, 1 criança recém-nascida sem nome.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

163  
100

- Casa 18: Kunhemara'ne.
- Casa 19: Maipahi, Tembekynã, Maipa, Tempeky.
- Casa 20: Merereti, Hazã.
- Casa 21: Kunhepazerã, Tahitirahi, Kunhepazê, Kamarã, Aizã, Owamtã.
- Casa 22: Taperehi, Tyratyrã, Maikanhym, Kanhypakwam,
- Casa 23: Iranarã, Zoweihhi, Zowê, Iranam.
- Casa 24: Kanhynhamepiham, Kanhynamê.
- Casa 25: Dzeoparã, Dzeopahi, Kurereti, Tarearã.
- Casa 26: Marupanã, Tapaiahi, Kunai.
- Casa 27: Tiwa'awandã, Nhambahi, Tserembedze, Iranheaha.
- Casa 28: Hamihi, Zatanã, Kanhymweze, Wera, Zata, Nhata'am.
- Casa 29: Tã'ym.

B) OUTRA ALDEIA:

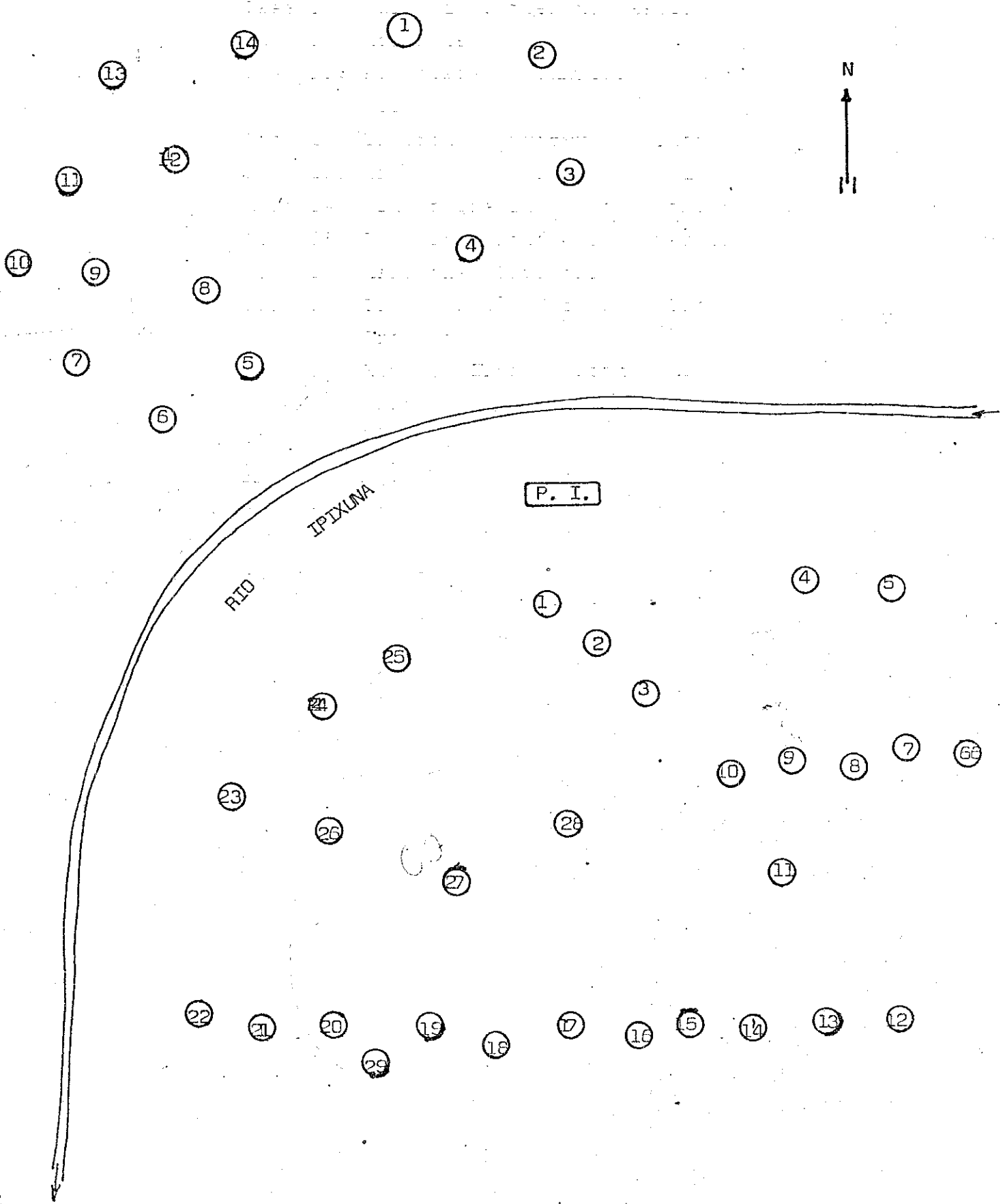
- Casa 1 : Mahirawidã, Mbaipitamhi, Kupeiram, Kanhymaze, 1 criança recém-nascida sem nome.
- Casa 2 : Nhapurã.
- Casa 3 : Tamarã, Tamahi, Mãdziwam, Kurere, Apuã.
- Casa 4 : Hapiham, Mitamparam.
- Casa 5 : Ararynhanã, Ararynhahi, Ararym, Moroakã, Itsikanhym, Edai.
- Casa 6 : Mbodzydam, Mbodzyhi, Mbodzy, Mboyipokã.
- Casa 7 : Mbadeham, Iwakanhym.
- Casa 8 : Awerukam, Pnyham.
- Casa 9 : Maiparanã, Iwampedzê.
- Casa 10: Mazarã.
- Casa 11: Tahiarã, Tahiahi, Kanyê.
- Casa 12: Mboydymahi, Mboydymarã, Kanekanhym, Myram.
- Casa 13: Pazãrahi, Mezanã.
- Casa 14: Mboyweram, Maryzahi, Nnhemahi.

164  
10

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNA

6 - APENDICE ALDEIAS ARAWETÉ DO P. I, IPIXUNA

1:50,000



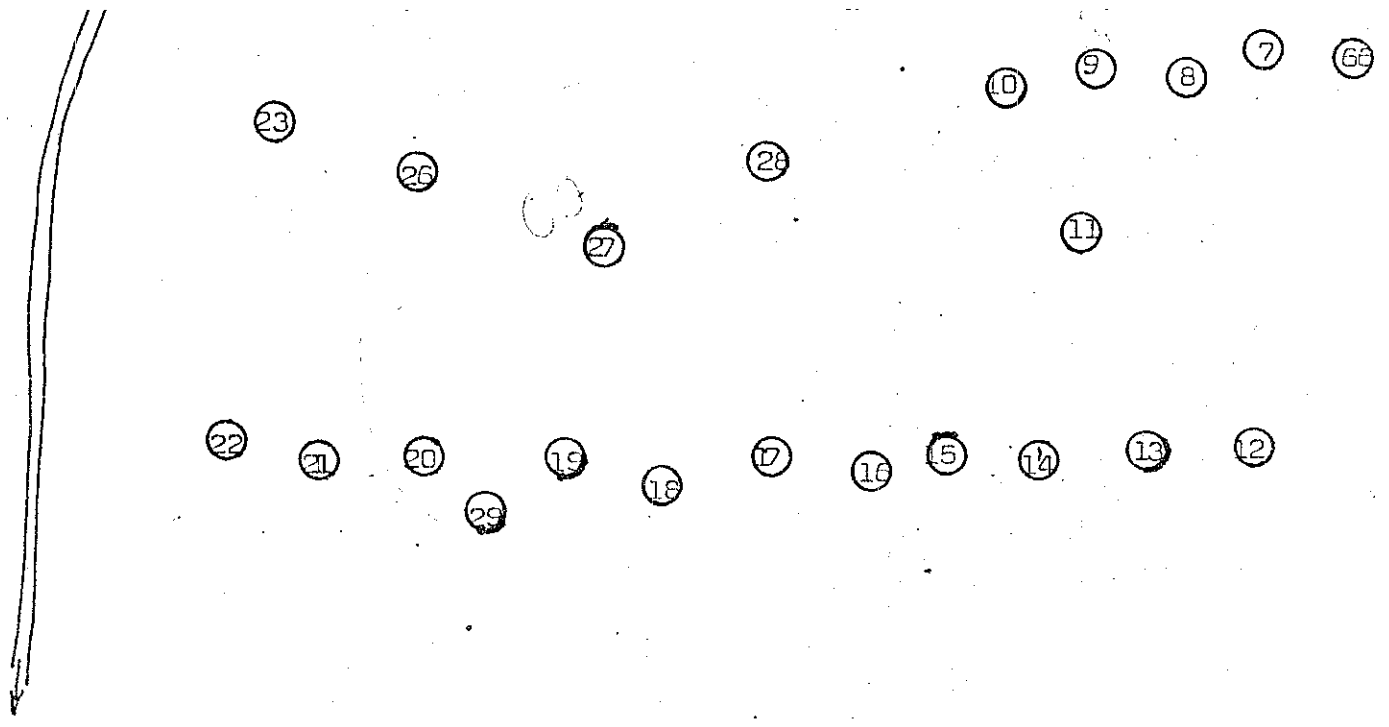
165  
10

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA E SEXO

Idade	Masculino	Feminino	Total
0-4	17	14	31
5-9	09	11	20
10-14	04	07	11
15-19	04	03	07
20-24	05	03	08
25-29	12	06	18
30-34	04	05	09
35-39	06	09	15
40-44	07	02	09
45-49	0	0	0
50-54	0	01	01
60...	<u>03</u>	<u>01</u>	<u>04</u>
	71	62	133

3. Roças, Caça, Pesca e Coleta

A roça da FUNAI, cuja derrubada foi realizada pe los índios, mede aproximadamente 60ha, na qual se encontra: man dioca, abóbora, banana, milho, cabaça, tabaco, urucú e algodão' (estes tres últimos produtos plantados pelos índios).





MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

166  
100

critérios que foram considerados em relação à área delimitada no caso Assurini: a extensão da área deve dar condições de recuperação do solo, garantindo o sistema tradicional de aproveitamento da terra, o qual supõe um espaçamento no tempo de sua utilização e portanto, mudança periódica da área a ser cultivada.

As regiões de caça, coleta e pesca estão indicados no mapa.

4. Infra-estrutura da FUNAI

A infra-estrutura do Posto de Atração Ipixuna compreende:

- 1 barração coberto de palha, para depósito e abrigo dos funcionários;
- 1 cozinha de madeira e coberta de cavaco;
- 1 pequena casa feita de palha para guardar material de enfermaria e o aparelho de radiofonia;
- 1 motor gerador.

5. Área Araweté

Históricamente, a área tradicionalmente ocupada pelos Araweté compreende as cabeceiras do rio Bacajá, as margens dos igarapés Jatobá, Bom Jardim, Canafístula e Ipixuna.

Em fevereiro de 1979 foi apresentada aos órgãos competentes da FUNAI, a proposta de criação da Reserva Araweté pelo sr. Salomão Santos, chefe da Ajudância de Altamira, cuja área corresponde a esta região historicamente ocupada pelo grupo (vide Processo FUNAI/BSB/0707/79).

\* \* \*

167  
10  
N

III - XICRIN DO P.I. BACAJÁ

1. Ocupação da área

Os Xikrin do P.I. Bacajá são um sub-grupo Kayapô, de filiação linguística Jê, localizado às margens do rio Bacajá, afluente da margem direita do rio Xingu, estado do Pará.

Num passado muito remoto, este grupo habitava entre a floresta e o campo, na região do sul do Pará e norte do Mato Grosso. Os índios mais velhos do grupo (Imã e Mereti) afirmam que nasceram no campo.

De acordo com o antropólogo Gustaaf Verswijver\* no início do século passado, os Kayapôs do Norte formaram um só grupo, chamado Goroti-Kumrein e ocupavam a região do rio Pau d'arco, afluente do rio Araguaia. Brigas internas provocaram cisões que resultaram em migrações. Um grupo, chamado Pore-kru, rumou em direção ao Norte, para a região do rio Itacaiunas; outro grupo, denominado GOROTIRE, migrou para o rio Fresco, afluente do rio Xingu. O grupo que permaneceu no rio Pau d'Arco, chamado Ira-amrãire desapareceu.

O grupo Pore-kru, também conhecido por Xicrin ou djore, que se deslocou para o norte, dividiu-se em dois: os put-karot e os Kokorekre.

Estes últimos também se dividiram, dando origem a outro grupo, os Djore.

De acordo ainda com o antropólogo, os Put-karot, em meados de 1930, se separam em dois grupos: os Xikrin do Cateté e os Xicrin do Bacajá. Este último seria o grupo que ora tratamos.

---

\* Verswijver, Gustaaf - "Enquête ethnographique chez les Indiens Kayapô - Mekrãgnoti; contribution a l'etude des groupes locaux (scissions et regroupemants)." Tese de mestrado apresentada à Ecole des hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 1978.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Segundo nossos informantes\*\*\*, entretanto, a migração do grupo no sentido norte se deu devido às inúmeras brigas que tiveram com os Gorotire e com os Xikrin do Cateté, constituindo -se então em outro sub-grupo.

Bep-tôk, o Onça, afirma que os Gorotire os chamam Djore e que put-karot é um grupo desaparecido. Para ele, os índios do Cateté se chamam put-karot porque muitos de seus membros são originários deste grupo desaparecido. Nos relatos que foram feitos sobre as brigas que tiveram com os Gorotire e Xicrin do Cateté, os informantes se referem à separações e junções. Assim, Mereti e Imã, os mais idosos, se referem a diferentes trajetos e aldeias que formaram durante sua migração da antiga região onde se localizavam num passado remoto às cabeceiras dos afluentes do rio Bacajã, pela sua margem direita, região onde foram contatados em 1961.

Supomos que as denominações KOKOREKRE, DJORE, PUT - KAROT, se referem a estes diferentes grupos, cujos sobreviventes se reuniram dando origem ao grupo atual.

A este grupo também se juntaram mais recentemente os sobreviventes dos Kararaô, sub-grupo Kayapô-contatado na região de Porto de Moz, conhecidos como Kararaô do Penetecal e os sobreviventes dos Kararaô do rio Iriri\*, transferidos para este Posto em 1979. Anteriormente, um índio Kararaô do rio Iriri já vi era transferido devido à impossibilidade de realizar casamento em seu próprio grupo, de acordo com informação do Sr. Salomão Santos, chefe da Ajudância de Altamira.

Há ainda membros dos grupo Xikrin do Cateté que vi ram se juntar a este grupo há "muito tempo atrás", duas índias jo vens Parakanã raptadas quando crianças, um índio Gavião do P. I. Mãe Maria e um índio Gorotire\*\*. (ver adiante quadro População Xi krin do P.I. Bacajã)

\* KUOROKRÔ, índio Gorotire conhecido por Kamayurã vive com este grupo exercendo função de liderança desde que o grupo se constituiu de mulheres e dois rapazes de 15 a 20 anos, os quais se casaram com mulheres Xikrin.

\*\*O pai deste índio chamado MAURÉ, também conhecido como Mário, é índio Gorotire e a mãe é branca, raptada quando criança; Mário foi criado entre os Gorotire e quando jovem trabalhava com um tal de

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI.

169  
100

IV

Como já dissemos acima, os termos Put-karot e Djore não são utilizados como autodenominação. Dizem chamar-se Xikrin, nome que também atribuem aos índios do Cateté.

Depois de estabelecidos na região onde seriam contatados, ainda sofreram ataque dos Xikrin do Cateté, pois segundo os informantes, logo antes do contato em 1959, tiveram as últimas brigas com este grupo.

Nhokrô (Maria), irmã de Bep Tók, o Onça, foi raptada numa dessas ocasiões, quando era jovem (10 a 15 anos de idade).

Em 1977, Nhokrô, atualmente com 30-35 anos de idade, veio do Cateté com o marido e filhos, atendendo às condições impostas por Bep Tók à FUNAI para libertar os índios Parakanã que mantinha como prisioneiros, após o ataque que fizeram contra este grupo neste mesmo ano.

De acordo com os relatos dos informantes, há mais de 30 anos\*\*\* na região das cabeceiras dos afluentes do rio Bacajá, pela margem direita, foi ocupada pelo grupo ou pelos grupos que finalmente estavam reunidos na época do contato.

Este se deu através de uma frente do antigo S.P.I., próximo ao igarapé Golosa, quase à margem do rio Bacajá, no dia 13 de novembro de 1959 (informação pessoal do sertanista Afonso Alves).

Logo após o contato, vitimados por doenças que ocasionaram muitas mortes, os índios voltaram às antigas aldeias, em direção ao Rio Itacaiunas. Nesta região foram contatados novamente por outra frente de atração chefiada pelo sertanista Camiranga que os trouxe para o Igarapé Carapanã, afluente da margem direita do Rio Bacajá.

---

\*\*Oliveira na caça de animais silvestres, ocasião em que chegou a esta aldeia e se casou, integrando-se à comunidade.

\*\*\*Os chefes Bep Tók, o Onça, Mereti e o velho Imá; os trabalhos com os informantes foram realizados juntamente com o Sr. José Batista, técnico de indigenismo do PI. Bacajá que fala correntemente a língua Kayapó.

\*\*\*\*Bep Tók nasceu nas cabeceiras do Igarapé São José afluente da margem direita do Rio Bacajá. (ver mapa).

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

170  
10

Depois de alguns anos o grupo se estabelece junto ao Posto Velho e em 1965 são transferidos para o local denominado "Flor do Caucho", atual aldeia. Este local era habitado por brancos e a transferência foi feita pelo Sr. Oliveira.

A região ocupada tradicionalmente e onde se localizam as aldeias antigas compreende portanto desde as margens do rio Itacaiunas, estendendo-se em direção as cabeceiras dos Igara-pês afluentes da margem direita do rio Bacajá até à altura do antigo posto de Atração plotado no mapa.

Parte desta área não será incluída na delimitação proposta, pois não representa área de perambulação atual do grupo.

Justifica-se, portanto, estender os limites da área indígena em outros sentidos, de modo a garantir uma área atualmente utilizada pelo grupo, para obtenção de recursos econômicos, tanto no que se refere à subsistência (caça, pesca, coleta), quanto a comercialização da castanha que representa a principal fonte de recursos para suprir as necessidades atuais de bens industrializados.

Desde a época do contato, os índios coletam a castanha com fins de comercialização. No tempo do SPI, entretanto, a castanha era entregue aos funcionários do órgão e os índios nada recebiam.

Atualmente, os índios recebem mercadorias de acordo com o lucro obtido na venda do produto, realizada pela FUNAI. A compra das mercadorias é acompanhada por Bep Tók e Mário.

Os castanhais plotados no mapa são portanto, explorados pelos índios desde a época do contato, em 1959.

De acordo com os dados que obtivemos junto à comunidade, os limites que estão sendo demarcados não atendem aos requisitos exigidos pela portaria que regulamenta a delimitação e demarcação de áreas indígenas (Portaria nº 517/N, de 03 de agosto de 1978).

Os limites ao norte, ao sul e à leste excluem castanhais, fonte de recursos para atender suas necessidades econômicas atuais.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

171  
100  
W

Os limites a oeste são inadequados pois, segundo os índios, são ultrapassados em suas excursões de caça e coleta, conforme está plotado no mapa.

Além disso, trata-se de área de expansão territorial dos Xikrin do Bacajá, tendência demonstrada pelos ataques aos índios Assurini e Parakanã, respectivamente denominados Kran-akâro' (cabeça com corte de cabelo arredondado) e Akâkakore (enfeite labial pequeno).

Os índios do Ipixuna denominados Kubem-kamrek-tí' (aquele que é muito vermelho) também foram atacados na época em que sua área de perambulação compreendia o médio Bacajá e suas cabeceiras.

2. Localização da Aldeia e Infra-estrutura da FUNAI.

A aldeia Xikrin está localizada à margem esquerda do Rio Bacajá, afluente da margem direita do rio Xingu, no Município de Senador José Porfírio, Estado do Pará, no local de coordenadas aproximadas 04955'00"S e 51926'20"W.

As vias de acesso podem ser fluvial através dos Rios acima citados e ainda aéreo através de um campo de pouso localizado junto a aldeia, nas dimensões de 450x30m.

2.1 A FUNAI possui uma sede de Posto Indígena denominado P.I. Bacajá, e conta atualmente com as seguintes instalações:

- a- Casa de madeira de 4 comodoss, com piso de cimento e cobertura de telhas Brasilite. Trata-se da sede do Posto e compreende as dependências do funcionário da FUNAI, sala de rádio e escritório.
- b- Outra casa de 3 comodoss, com as mesmas características da anterior, onde acha-se instalado a enfermaria, que dá assistência à comunidade indígena através de um atendente de enfermagem e na sua ausência, pelo Chefe do Posto. Esta enfermaria é dotada de mesa ginecológica, mesa de curativo, camas, armários, balanças, prateleiras e instrumental de uso diário. A incidência de doença na área é a malária e a diarreia, controlados pela EVS em visitas periódicas. Esta também executa a vacinação na comunidade.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

172  
10

- Uma das necessidades atuais da enfermaria é de vestir seus leitos com colchões, lençõs, toalhas, travesseiros e cobertores.
- c- Casa de barro coberta de palha destinada à residência do trabalhador braçal.
  - d- Casinha de pau a pique coberta de palha destinada à proteger o grupo gerador.
  - e- Casa de farinha, com fornos e prensa.
  - f- Fossas sépticas.

A necessidade prioritária do P.I. é a construção de uma escola, com toda as suas dependencias, material didático e escolar, mobiliário e uma professora bilingue para atender à comunidade, pois como podemos ver através do levantamento populacional que a faixa etária carrente de ensino atinge a 30% da população, sem contar com os adultos que desejam adquirir conhecimentos.

2.2

Equipamentos da FUNAI:

- Equipamento de rádio - SSB
- Grupo gerador de 5 KVA
- Bomba d'agua elétrica
- Máquina de fubá elétrica
- Máquina de fazer farinha elétrica

Faz-se necessário ainda, a conclusão do poço semi-artesiano de 1,80m de diâmetro, com a colocação de tubulação ou tijolos até a profundidade de 13 m para impedir seu desmoronamento, pois é dele que a comunidade se abastece com água.

3. Áreas de Coletas.

A castanha representa para a comunidade a única fonte de renda, além de ser um de seus alimentos de subexistência.

Seus castanhais estão localizados ao longo do Rio Bacajá, em ambas as margens, no sentido norte e sul, à partir da sede do P.I., onde existe nesta imediação o Castanhal denominado "Posto", destinado às crianças e velhos.

Assim é, que ao norte localizamos os seguintes cas

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FU

173  
R

→ YU

tanhais:

- Castanhal do Rio Branco, margem esquerda do Rio Bacajã, mata adentro, entre os Igarapês. Teimoso' e Rio Branco de Baixo.
- Castanhal "Tres Morros", margem esquerda do Rio Bacajã, mata adentro, no local conhecido por " 3 morros".
- Castanhal "Vinte e seis", em ambas as margens do Rio Bacajã, mata adentro, até a altura do Igarapé São José.
- Castanhal "Gericuã", margem esquerda do Rio Bacajã, mata adentro, na altura da Cachoeira Jericuã, indo até o Igarapé Dois Irmãos da Esquerda.
- Castanhal "Stª Maria", ambas as margens do Rio Bacajã, mata adentro.

No limite Sul, à partir do P.I. encontramos os seguintes Castanhais:

- Castanhal do "Pirara", margem esquerda do Rio Bacajã, até o Igarapé Arroz Cru.
- Castanhal do "Arroz Cru", margem esquerda do Rio Bacajã, mata adentro, compreendido entre os Igarapês Arroz Cru e o Rio Branco de Cima.
- Castanhal da "Faveira", margem direita do Rio Bacajã, mata adentro na altura do Igarapé Faveira.
- Castanhal da "Goiaba", em ambas as margens do Rio Bacajã mata adentro no local denominado Goiaba.
- Castanhal do "Rio Negro", situado na margem esquerda do Bacajã até a altura da Boca do Rio Negro.

Portanto a área em que abrange os castanhais está definida entre: ao Sul pelo Rio Negro e ao Norte pelos Igarapês Dois Irmãos da Esquerda e Direita.

Na época da castanha (DEZ/JUN), a FUNAI coloca a disposição dos índios seus barcos sediados na Ajudância de Altamira, para o transporte das castanhas e a comercialização.



174  
100

Os índios coletam ainda, nestas regiões, o mel, frutos silvestres, cacau, jatobá e babaçu.

#### 4. Roças.

Os Xikrins cultivam suas roças, unicamente para a alimentação diária, de maneira tradicional, com auxílio de machado, facão e enxadas, materiais estes comprados por eles mesmos. Anteriormente, porém, a FUNAI fornecia estes instrumentos.

Dentre as culturas principais destacamos:

Mandioca (Kuorá) para o fabrico de farinha, a macaxeira (Kuorâdjoi), a batata doce (iôt), a banana (turote), o milho (bouh), o mamão (Katembori), abóbora, Melância, Arroz.

Estas sementes são sempre originários de culturas anteriores, onde são armazenados, no caso do milho e arroz em suas próprias casas.

O trabalho na roça é realizado de maneira tradicional. O trabalho de preparo do solo (broca, derrubada e queima) é distribuído de acordo com o sistema de classe de idade e o sistema político; dele participando os jovens solteiros (menoronure) casados com 1 e/ou 2 filhos (meabator-i) liderados pelo chefe político\* que determina o local onde deverá ser feita a roça.

Tradicionalmente, apenas as mulheres plantavam, dividindo-se então as roças entre as famílias. Atualmente, os homens também plantam, em especial o arroz e a banana.

Estas roças estão localizadas junto ao P.I., ambas as margens do Rio Bacajá e não adentram à mata mais que 5km, à partir da margem, porém, ao sul. uma roça está localizada a 8km do P.I.

---

\* Atualmente há um chefe jovem, Bep Tók, o Onça, que também lidera parte dos homens na coleta da castanha para comercialização. Há outro grupo de homens liderados por Mário, sendo que as atividades deste grupo, tanto no que se refere às atividades agrícolas quanto a coleta da castanha para a comercialização são individualizadas, diferindo do modo tradicional de produção. Politicamente, há ainda o velho chefe Mereti, com ascendência política sobre o mais jovem, Bep Tók, o Onça.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

135  
10

Novas roças são abertas anualmente, onde implantam a rotação em suas terras e muitos já aderiram ao plantio consorciado de milho e da mandioca.

A colheita na roça é feita em dois anos, isto é, no primeiro colhe-se o milho, e parte da mandioca. No segundo ano a roças "velhas" fornecerá a mandioca para o preparo da farinha e uma nova roça é aberta.

Não existe a presença de horta e nem pomar, exceto algumas árvores frutíferas isoladas, tais como: mangueira, jaca, limão.

De acordo com a valização da capacidade natural do uso da terra e sua classificação no que se refere a agricultura, realizada pelo Projeto RADAM, especificamente para esta área, as terras da região são consideradas bastante uniforme, é constituída por associação de solos Podzólico Vermelho Amarelo de textura argilosa, Podzólico Vermelho Amarelo de textura argilosa plíntico e latossolo Vermelho Amarelo Distrófico em relevo predominantemente suave ondulado.

Nas margens do Rio Bacajá aparecem associados o latossolo Vermelho Amarelo, Distrófico de textura média plíntico e Gley pouco úmido, Distrófico de textura indiscriminada, em relevo plano.

O clima quente é úmido com período seco bem marcado e período único com chuvas torrenciais não apresenta sérias dificuldades as atividades agrícolas.

As culturas pelo seu ciclo vegetativo, essas terras tem capacidade restrita para culturas de ciclo longo e curto, sendo que às margens do Rio Bacajá as terras são inaptas para as culturas do ciclo curto.

##### 5. Pesca.

Na alimentação diária dos Xikrins estão incluídos os peixes que são originários de pesca feita ao longo do Rio Bacajá e seus Igarapés afluentes, situados entre os Igarapé Faveira e Igarapé Manesão.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUN

Utilizam o arco, flexa e anzol com linha de nylon; usam também a técnica do timbô nas grotas afluentes do Rio Bacajá e neste também, no inverno, quando formam os "poções".

Para esta atividade os índios se locomovem com suas canoas quer de motor quer a remo.

Os peixes mais comuns nestes Rios e apreciados pelos índios são: pacu, corimbatã, piranha, surubim, trairão, etc, e a época mais píciosa é no verão.

#### 6. Caça.

A caça, destinada à alimentação, é realizada coletiva e individualmente. Suas caçadas são realizadas a partir da aldeia mata adentro, desde os Igarapês Lontra, Favereiras, pelo limite sul, indo até o Rio Branco, Igarapé Manesão, pelo limite norte.

A caça preferida é o Porção, Jaboti, veado, caetetu, etc.

#### 7. GERAL

As casas dos Xikrin, são todas de pau a pique barreada, coberta de palhas e foram construídas pelo SPI quando da instalação do atual Posto Indígena. São de forma retangular com dimensões de 4x6m e muitas delas chegam a abrigar até 3 (tres) famílias.

Observamos ainda que os Xikrin criam animais domésticos e destinam à sua alimentação, tais como: - porco, galinha, pato, peru, etc.

Quanto a silvicultura de acordo com os dados fornecidos pelo Convênio FUNAI/RADAM, observamos que a formação vegetal de floresta densa domina toda a extensão da área indígena, o seu potencial madeireiro é de aproximadamente 150 m<sup>3</sup>/ha.

A floresta é densa nessa região e tem fisionomica-mente, altura uniforme e se coloca nos interflúvios.

Cede lugar à floresta com babaçuaço longo dos vales, e a floresta com cipósal nas meias encostas.

Foram observadas na região as seguintes espécies de madeira: mogno, cedro, maçaranduba, jarana, pau d'arco, etc, sendo que não são exploradas pelos índios, exceto o mogno que

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

112  
177  
①

se destina a construção de suas canoas.

No tocante a extração vegetal na área, aparece a presença da seringueira, porém os índios não aderiram a esta atividade.

Quanto a atividade de artesanatos, a comunidade pouco desenvolve e prende tão somente aos utilizados para fins religiosos portanto não comercializam.

O cemitério está localizado próximo à aldeia, junto ao campo de pouso, e são duas casas cobertas de palhas, onde lá enterram os mortos e seus pertences.

As festa religiosas e tradicionais são: a do caldo da mandioca ralada (Kuoro Kanho), realizada no verão, no início das primeiras chuvas; a festa do milho na época deste quando está verde; a festa das crianças, onde todas estas cortam o cabelo, a festa do Jaboti, com a participação de toda comunidade masculina e ainda a festa da Palha (sobrenatural).

\* \* \*

112  
178  
10

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

6. POPULAÇÃO XIKRIN DO PI. BACAJÁ

Casa 01	SEXO	IDADE	OUTRO GRUPO DE ORIGEM
1 Boni	F	35-39	Kararaô do Iriri
2 Bep' Proti	M	10-14	
3 Bekoirê	M	15-19	
4 Irerã	F	10-14	
5 Bep' Tôk	M	35-39	Xikrin
6 Irengri	F	30-34	
7 Nhokrô	F	0-4	
8 Bep' Kram	M	30-34	
9 Ngreimei	F	5-9	
10 Nhogbei	F	0-4	
11 Ireproti	F	0-4	
12 Mrokaibu	M	5-9	
Casa 02			
13 Bep' Putmati	M	25-29	
14 Top' Pe (Bep' Koikará	F	25-29	
15 Kokongri	F	5-9	
16 Nhogmoroti	F	0-4	
17 Ngrepa'o	F	0-4	
18 Motpari	F	0-4	
19 Kokonhaunti	M	+60	
20 Kubut	F	20-24	Parakanã
21 Bep' kroiti	M	0-4	Xikrin
22 Nhoktopti	F	0-4	
23 Nhoiprê (Casa 03)	M	35-39	
24 Ngreitê	F	25-29	
25 Irenhum	F	10-14	
26 Nhôkati	F	5-9	
27 Katerã	F	0-4	
28 Ngrei prôti	F	0-4	
Casa 04			
29 Tampã	M	45-49	Cateté
30 Imã	F	35-39	
31 Irekâmei	F	5-9	Xikrin
32 Krankreto	F	10-14	Parakanã
33 Ano' ure (Pedro)	M	15-19	Xikrin
34 Irekã	F	15-19	
35 Ngreigri	F	0-4	
36 Poinkako	F	20-24	Kararaô do Iriri
37 Purutu	F	0-4	
38 Bep' Poikotore	F	0-4	
39 Bep' Djou' p	M	50-54	Xicrin
40 Ngreikobã	F	35-39	
41 Ireti	F	0-4	
42 Bep' nhôi	M	0-4	

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

139  
HO

U 3.2 -

Casa	NOME	SEXO	IDADE	OUTRO GRUPO DE ORIGEM
Casa 04				
43	Nhokerê	F	25-29	Xikrin
44	Romô	F	5-9	
45	Bep' Kôpo	M	0-4	
46	Kubutnhure	F	0-4	
47	Ka'Gre	F	15-19	
48	Kauti	M	0-4	
49	Bep' Kuirê	F	0-4	
50	Kaigô	F	10-14	
Casa 06				
51	Maurê (mário)	M	35-39	Gorotire
52	Kiomã (Tereza)	F	35-39	Xikrin
53	Bep'Kunonti (Paulo)	M	5-9	
54	Okram	F	5-9	
55	Tokôï	M	5-9	
56	Ngreirere	F	0-4	
57	Irekô	F	0-4	
Casa 07				
58	Bep'Krã	M	35-39	Xikrin
59	Ngreikarô	F	35-39	
60	Bep'Tire (Neguinho)	M	25-29	
61	Irebã	F	15-19	
62	Kopri	F	0-4	
63	Bep'Porê	M	0-4	
64	Bep'Pudji	M	15-19	
65	Iren(g)u	F	5-9	
66	Bep'Prire	F	0-4	
Casa 08				
67	Katoptire	M	40-44	Xikrin
68	Iretê	F	35-39	
69	Bep'Notôï	M	0-4	
70	Kôï'rê	M	10-14	
71	Txô'i	M	5-9	
72	Nhobjã	F	15-19	
73	Bemoro	M	15-19	
74	Kuokei	F	5-9	
75	Nhakakoroti	F	20-24	
76	Nhokaê	F	5-9	
77	Nhaurê	F	0-4	
Casa 09				
78	Mati	M	45-49	Kararaô do Iriri
79	Bekoiram	F	15-19	Xikrin
Casa 10				
80	Mârimã	M	40-44	Xikrin
81	Nhokroati	F	30-34	
82	Bep'Minhô	M	0-4	
83	Ngreiti	F	0-4	
84	Nhokeiti	F	0-4	
85	Bep'Djoti	M	30-34	
86	Nhokeiti	F	25-29	

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

180  
100

Casa	Nome	SEXO	IDADE	OUTRO GRUPO DE ORIGEM
Casa 10				
87	Bep' Kanhê	M	5-9	Xikrin
88	Ngreikrô	F	0-4	
89	Rop' I	M	0-4	
Casa 11				
90	Bep' Nibeti (Bode)	M	45-49	Xikrin
91	Kaigô	F	35-39	
92	Irengô	F	30-34	
93	Manoel	M	25-29	Gavião -PI.Mãe Maria
94	Irepri	F	5-9	Xikrin
95	Bô' i	M	0-4	
96	Bed' Djare	M	0-4	
97	Bonhorokrã (Cabritinho)	M	15-19	
98	Irepunu	F	10-14	
99	Kupatã	M	5-9	
100	Kokopu	F	0-4	
Casa 12				
101	Meiti	M	35-39	Kararaô do Penetecal
102	Txuiã	F	40-44	
103	Tokon (G)u	M	5-9	Xikrin
104	Krupiti	M	5-9	
105	Bep' Tum	M	0-4	
106	Prutum	M	0-4	
107	Ngeibã	F	15-19	Kararaô do Penetecal
108	Borai	M	30-34	
109	Kamereti	F	5-9	Xikrin
110	Kokonhonoti	F	0-4	
111	Ngreipapô	F	0-4	
112	Irepapti	F	0-4	
113	Ngreinhãra	F	45-49	Kararaô do Iriri
114	Bekodjoiti	F	15-19	
115	Iamaturê	M		Xikrin
Casa 13				
116	Bemoipã	M	35-39	Xikrin
117	Nhokati	F	30-34	
118	Nhokrere	F	10-14	
119	Moteti	M	15-19	Kararaô do Iriri
120	Patukrê	M	5-9	Xikrin
121	Nhogmoiti	F	0-4	
122	Tutkrã	F	0-4	
123	Bep' Pru	M	0-4	
124	Bep' Kô	M	0-4	
125	Rikô	F	35-39	Kararaô do Iriri
126	Kramê	M	5-9	
127	Bep' Toti	M	0-4	
Casa 14				
128	Imã	M	55-59	Xikrin
129	Oiarê	F	50-54	
130	Ireprã	F	25-29	
131	Tedjore	M	30-34	
132	Bep' Mõipã	M	0-4	

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

181  
10

Casa	Nome	SEXO	IDADE	OUTRO GRUPO DE ORIGEM
Casa 14	133- Kokôu	F	0-4	Xikrin
Casa 15	134 Tâbiet	M	30-34	Xikrin
	135 Ngreikru	F	30-34	
	136 Pa'o	M	10-14	
	137 Bekoibo	F	10-14	
	138 Irebã	F	5-9	
	139 Tedjire	M	5-9	
	140 Nhogmoro	F	0-4	
Casa 16	141 Ngreirô (Mijaé)	F	35-39	Xikrin
	142 Bep'Nhongri (Oliveirinha)	M	15-19	
	143 Irenhoti	F	0-4	
	144 Ngreikanhoro	F	0-4	
	145 Bep' Kreiti	M	25-29	
	146 Pâimu	F	20-24	
	147 Irekurê	F	5-9	
	148 Pointã	F	0-4	
	149 Bep'Nibeti	M	0-4	
Casa 17	150 Katino'ô	M	35-39	Xikrin
	151 Panhoti	F	30-34	
	152 Bep'Kaprim	M	5-9	
	153 Kakore	M	5-9	
	154 Irekako	F	0-4	
	155 Bep'Koti	M	0-4	
Casa 18	156 Mereti	M	+ 60	Xikrin
	157 Ngrekoti	F	40-44	
	158 Iretã	F	20-24	
	159 Bep'Krã	M	20-24	
	160 Bep'Toti	M	0-4	
	161 Bep'Nôï	M	0-4	
	162 Kokatire	M	10-14	
	163 Nhokrô (Maria)	F	30-34	
	164 Kote'u	M	35-39	
	165 Ikadju	F	15-19	
	166 Kanôï	M	15-19	
	167 Mop'Kure	F	5-9	
	168 Nhogmaiti	F	0-4	
	169 Irebã	F	0-4	
	170 Nodjuuro	M	10-14	
Casa 19	171 Kuorokrô	M	45-49	Kararaô do Iriri
	172 Nhongri	F	15-19	
	173 Kubemkoi	F	15-19	
	174 Irekontu	F	10-14	



182  
 (10)

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Casa	SEXO	IDADE	OUTRO GRUPO DE ORIGEM
19			
175 Mrukarõ	F	10-14	kakaraõ do Iriri
176 Nhokamoti	F	30-34	
177 Bep' Akoti	M	0-4	
178 Ireprim	M	5-9	
179 Kadjotobõ	F	15-19	
180 Tokokankru	M	0-4	

7. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA E SEXO



IDADE	MASC.	FEM.	TOTAL
0 - 4	23	36	59
5 - 9	17	13	30
10-14	03	10	13
15-19	08	11	19
20-24	01	05	06
25-29	03	06	09
30-34	05	08	13
35-39	10	07	17
40-44	02	02	04
45-49	04	01	05
50-54	01	01	02
55-59	01	00	01
+60	02	00	02
<b>TOTAL</b>	<b>80</b>	<b>100</b>	<b>180</b>

\* \* \*

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

183  
10

ALDEIA BACAJÁ

Cemitéri   


Casa do Braçal

Enfermaria

Sede do PI

Cozinha

Casa de Farinha

CAMPO DE POUSO 450 m X 30 m

19

18

1

17  
16

2

15  
14

3

13

4

12

5

11

6

10

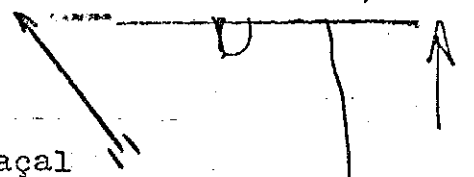
7

9

8

Casa de farinha

RIO BACAJÁ



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

184  
[Handwritten signature]

~~Reservado~~

IV - OUTROS GRUPOS

Tanto sertanistas que trabalham na área considerada quanto os índios Araweté, Assurini e Xikrin afirmam que na região das cabeceiras dos rio Ipixuna, Piranhaquara e Ipiaçava existem grupos indígenas arredios.

De acordo com informação do sertanista João Carvalho, na cabeceira do Rio Ipiaçava se encontra outro grupo Tupi não contatado.

A existência de um grupo Parakanã nesta região também é confirmada não somente através de informações de sertanistas e índios, mas através de fatos.

Em novembro de 1977, os Xikrin do PI. Bacajá atacaram este grupo, nas cabeceiras do Igarapé Arroz Cru, matando alguns de seus membros e aprisionando outros. Estes últimos foram "resgatados" pela FUNAI e hoje se encontram no 3º acampamento.

Como vimos anteriormente, em 1976 e 1977 os Araweté foram atacados pelos índios que denominam AUIM, supostamente o mesmo grupo Parakanã acima referido.

Estes fatos demonstram que um grupo Parakanã perambula entre a margem esquerda do Rio Bacajá e o Rio Ipixuna, à altura de suas cabeceiras.

Uma das justificativas da área proposta para interdição é, portanto, reguardar o território de grupos arredios de modo a lhes garantir um processo de contato que não provoque sua desagregação e extermínio.

Esta consideração já consta do Proc.FUNAI/BSB/0707-79, que compreende a proposta de criação da Reserva Araweté, a qual leva em conta também evitar corredores entre as áreas dos índios Assurini, Araweté e Xikrin, dando margem à problemas de invasões e outros riscos que possam prejudicar estes grupos.

V - FINAL

Esta Fundação não expediu nenhuma certidão negativa de aldeamento indígena na área da Reserva Indígena ora proposta.

Outro dado importante para a criação desta Reserva Indígena, em caráter imediato, é a inexistência de quaisquer atividades, projeto de colonização e discriminação feita pelo INCRA (anexo A).

De acordo com as informações obtidas junto a Coordenadoria Fundiária do INCRA, em Belém, parte das terras está sob a jurisdição do Projeto Fundiário do INCRA, com sede na cidade de Altamira e parte, sob a jurisdição do ITERPA (Instituto de Terras do Pará).

Como foi apurado junto ao Projeto Fundiário do INCRA, em Altamira, ainda não foi realizada a Ação Discriminatória das terras devolutas da União na região. Os únicos dados plotados no mapa do referido Projeto nesta região (anexo A), são as antigas delimitações das Reservas Assurini e Bacajá, as quais não correspondem às reais necessidades dos grupos indígenas que nelas habitam e foram propostas pelo Convênio RADAM/FUNAI e são reconsideradas no presente trabalho.

Quanto à área sob jurisdição do ITERPA, temos conhecimento de um parecer deste Instituto, solicitado pelo Juízo de Direito da Comarca de Altamira. Tramita neste Juizado um processo de Ação de Usucapião sobre glebas que incidem na área dos índios Araweté (vide pgs. 73 a 81).

Neste processo, a Juíza solicitou o parecer do ITERPA, desde que as terras em questão se encontram sob jurisdição deste órgão. De acordo com informação do advogado da 2ª DR, Dr. Raimundo Nonato Soares Holanda, uma cópia desse parecer, o

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI116  
100

-49-

qual confirma a ocupação das terras pelos índios, seria anexada ao processo FUNAI/BSB/0707/79.

Constatamos apenas a existência de moradores ribeirinhos, ocupantes da margem direita do rio Xingu, desde o igarapé Bom Jardim até o Igarapé Ipiaçava (anexo C). Estes ocupantes exercem atividades de subsistência (pesca), alguns têm pequenas roças e derrubadas, outros exploram a castanha e seringa. Estes dois últimos são entregues aos "regatões" pelo sistema de "aviamento".

Finalmente deve-se lembrar que parte da área eleita, cerca de 300.000ha ou mais, serão inundados com a construção da Usina Hidrelétrica do Rio Xingu, de acordo com os dados fornecidos pelo CNEC - Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores S/A, o qual realiza pesquisa para a ELETRONORTE. Estes dados não são os finais e exatos, mas está plotados no mapa o limite provável da inundação (anexo B).

Tendo em vista as considerações acima queremos enfatizar que se trata do momento oportuno para se assegurar o território dos Assurini, Araweté e Xikrin e de grupos arredios, garantindo a estes um processo de contacto que não provoque seu extermínio.

O presente trabalho está relacionado aos processos nºs FUNAI/BSB/3832/78, 707/79, 4229/79 e 4728/79.

187  
10

PARECER CONCLUSIVO DO GRUPO DE TRABALHO PELA PORTARIA Nº 627/E de 15/10/79.

A área do grupo Assurini compreende a região dos Rios Ipiagava e / Piranhaquara, desde sua fôz, à margem direita do Rio Xingú, até suas cabeceiras.

A área do grupo Araweté compreende a região dos Rios Ipixuna e Bom Jardim, desde sua fôz, à margem direita do Rio Xingú, até suas cabeceiras.

A área do grupo Xikrin compreende o médio curso do Rio Bacajá, em ambas as margens, estendendo-se em direção às áreas Assurini e Araweté.

Entre as cabeceiras dos Rios Bom Jardim, Rio Ipixuna, Rio Piranhaquara e Rio Ipiagava e a área dos Xikrin, perambulam grupos arredios.

Tendo em vista que as áreas Assurini e Araweté são contíguas e que a região entre estas áreas e a área Xikrin representa território de perambulação de grupos arredios e de expansão do grupo Xikrin, propomos a interdição de uma área para a criação de uma reserva comum os três grupos considerados e outros a serem identificados, de acôrdo com o memorial descritivo abaixo:

NORTE: Inicia-se no Ponto "1" de coordenadas aproximadas 03º 57' 45"S e 52º 34' 05" W, situado na confluência de um Igarapé sem denominação com um Paraná originário da margem direita do Rio Xingú; daí, seguindo o citado Igarapé no sentido montante até a sua cabeceira no Ponto "2" de coordenadas aproximadas 03º 59' 10" S e 52º 28' 20" W; daí, seguindo por uma linha reta no azimute aproximado de 115º e distância aproximada de 30 Km até o Ponto "3" de coordenadas aproximadas 04º 03' 40" S e 52º 12' 40" W, situado na cabeceira de / um Igarapé sem denominação, afluente da margem direita do Rio Ipiagava; daí, / pelo citado Igarapé no sentido jusante até sua confluência com o Rio Ipiagava no Ponto "4" de coordenadas aproximadas 04º 10' 35" S e 52º 12' 00" W; daí, seguindo o Rio Ipiagava no sentido montante até sua mais alta cabeceira no Ponto "5" de coordenadas aproximadas 04º 28' 00" S e 51º 42' 00" W; daí, seguindo / por uma linha reta no azimute aproximado de 57º e distância aproximada de 34Km localiza-se o Ponto "6" de coordenadas aproximadas 04º 18' 00" S e 51º 26' 45" W, situado na confluência de Igarapés formadores do Igarapé Dois Irmãos da Esquerda; daí, segue o citado Igarapé no sentido jusante até sua fôz no Rio Bacajá, no Ponto "7" de coordenadas aproximadas 04º 16' 52" S e 51º 21' 50" W; daí seguindo por uma linhareta, cruzando o Rio Bacajá até encontrar a fôz do Igarapé Dois Irmãos da Direita ou "Terra Preta", no Ponto "8" de coordenadas aproximadas 4º 16' 57" S e 51º 21' 45" W; daí, seguindo pelo citado Igarapé, no / sentido montante até o Ponto "9" de coordenadas aproximadas 04º 32' 20" S e / 51º 09' 10" W, situado na margem esquerda do Igarapé Dois Irmãos da Direita.

188  
10  
21

LESTE: Do Ponto "9", seguindo por uma linha reta no azimute de 180° e distância aproximada de 28,5 Km localiza-se o Ponto "10" de coordenadas aproximadas 04° 47' 45" S e 51° 09' 10" W, situado na confluência do Igarapé Carapanã ou "Felício Turvo" com um Igarapé sem denominação, afluente pela sua margem esquerda; daí, seguindo o Igarapé sem denominação no sentido montante até encontrar o Ponto "11" de coordenadas aproximadas 04° 53' 40" S e 51° 08' 35" W; daí seguindo por uma linha reta no azimute de 270° e distância aproximada de 4,4 Km localiza-se o Ponto "12" de coordenadas aproximadas 04° 53' 40" S e 51° 11' 00" W, situado na confluência de um Igarapé sem denominação com o Igarapé do Chapéu pela sua margem esquerda; daí, pelo Igarapé sem denominação no sentido montante até sua cabeceira no Ponto "13" de coordenadas aproximadas 04° 58' 12" S e 51° 13' 43" W; daí, seguindo por uma linha reta no azimute de 180° e distância aproximada de 22 Km localiza-se o Ponto "14" de coordenadas aproximadas 05° 09' 50" S e 51° 13' 43" W, situado na cabeceira de um Igarapé sem denominação, afluente da margem direita do Igarapé Prazer; daí, pelo citado Igarapé no sentido jusante até a confluência com o Igarapé Prazer, no Ponto "15" de coordenadas aproximadas 05° 15' 30" S e 51° 14' 30" W; daí, pelo Igarapé Prazer no sentido jusante até a confluência com um Igarapé sem denominação, afluente de sua margem esquerda no Ponto "16" de coordenadas aproximadas 05° 15' 00" S e 51° 19' 10" W; daí, pelo citado Igarapé no sentido montante até sua cabeceira no Ponto "17" de coordenadas aproximadas 05° 20' 45" S e 51° 17' 00" W; daí, seguindo por uma linha reta de azimute aproximado 192° e distância aproximada de 11,7 Km localiza-se o Ponto "18" de coordenadas aproximadas 05° 27' 10" S e 51° 18' 15" W, situado na confluência de um Igarapé sem denominação com o Igarapé Negro, pela sua margem direita; daí, seguindo pelo Igarapé Negro, no sentido jusante até a confluência com o Rio Bacajá, no Ponto "19" de coordenadas aproximadas 05° 22' 25" S e 51° 23' 10" W.

SUL: Do Ponto "19", seguindo pelo Rio Bacajá no sentido montante até sua cabeceira no Ponto "20" de coordenadas aproximadas 05° 29' 10" S e 51° 59' 00" W; daí, seguindo por uma linha reta de azimute aproximada 312° e distância aproximada de 5,3 Km localiza-se a cabeceira do Igarapé Bom Jardim ou "São José", no Ponto "21" de coordenadas aproximadas 05° 27' 20" S e 52° 01' 00" W; daí, seguindo pelo Igarapé Bom Jardim ou "São José" no sentido jusante, até sua confluência com o Rio Xingú no Ponto "22" de coordenadas aproximadas 05° 30' 20" S e 52° 41' 00" W.

OESTE: Daí, seguindo pelo Rio Xingú, no sentido jusante pela sua margem direita até encontrar o Ponto "1", inicial do presente descritivo.

MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Pôsto indígena Bacajá, em 15 de Novembro de 1.979.

Regina Müller  
REGINA PARCIDA POLO MULLER  
COORDENADORA PROJETO ASSURINI

JOSE JAIME MARIANI  
JOSE JAIME MARIANI Eng. Agror / DGPI

Salomão Santos  
SALOMÃO SANTOS  
CHEFE AJUDANCIA DE ALTAMIRA

Raimundo Alves  
RAIMUNDO ALVES - Sertanista "H"  
FRENTE DE ATRAÇÃO ARAUETÉ

José Batista da Silva  
JOSÉ BATISTA DA SILVA - TEC. IND.  
CHEFE DO PI RIO BACAJÁ

